



**Júlio César Cardoso
Ferreira da Conceição**

Manual de raspagem de palhetas

Para alunos de oboé do ensino básico e secundário



**Júlio César Cardoso
Ferreira da Conceição**

Manual de raspagem de palhetas

Para alunos de oboé do ensino básico e secundário

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música, realizada sob a orientação científica do Prof. Dr. Jorge Salgado Correia, Professor Associado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha esposa e a todos os que me deram força e me ajudaram na realização deste trabalho.

o júri

Presidente

Prof. Dr. António Manuel Chagas Rosa
Professor auxiliar da Universidade de Aveiro

Vogal – Arguente Principal

Prof. Dr. Carlos Jorge Canhoto Matos de Almeida
Professor adjunto do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogal - Orientador

Prof. Dr. Jorge Manuel Salgado de Castro Correia
Professor associado da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Ao Professor Doutor Jorge Salgado Correia pela orientação e apoio que me deu.

Aos professores de oboé pelo tempo despendido no preenchimento dos questionários.

À minha esposa e amigos pelo apoio e incentivo.

Aos meus alunos que participaram no projeto, pela sua dedicação e vontade de aprender.

palavras-chave

Palhetas, oboé, raspagem, ensino.

resumo

O presente trabalho tem como objetivo preencher uma lacuna existente na área de ensino do oboé, a raspagem da palheta. Constatei a inexistência de uma ferramenta de apoio para o professor e para o aluno que fosse explícita, concisa, que abordasse um determinado estilo de raspagem e que fosse em português. Propus-me portanto criar uma sob a forma de um manual e a avaliar a sua utilidade junto dos alunos. A criação deste manual tem como objectivos: Ajudar o aluno durante a sua aprendizagem, poupar tempo de aula e encurtar o tempo que é necessário para o aluno ficar autónomo. O manual foi testado com três alunos de oboé de idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos, oriundos da Academia de Música de Paços de Brandão, tendo também para o efeito um grupo de controlo de outros três alunos com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, dessa mesma instituição. O procedimento foi comparar e analisar a evolução entre o grupo experimental e o grupo de controlo ao longo de 3 meses, através da observação das palhetas que semanalmente traziam para as aulas e através da análise de um questionário realizado no final desses 3 meses. Recolheu-se também para análise a opinião de alguns professores de oboé sobre a importância do ensino da raspagem assim como de que maneira a ensinam e se sentem falta de uma ferramenta do género. A análise final essencialmente mostra que a existência deste manual é positiva não só para a evolução do aluno como para a sua confiança, mas não substitui o professor e a observação direta. Também se observou que o tempo de aula despendido a clarificar certos aspetos foi menor nos alunos que possuíam o manual.

keywords

Reeds, oboe, scrape, education.

abstract

The following work has the goal of filling a gap in the area of oboe teaching, the scrapping. The search for a support tool for the teacher and for the student that was explicit, concise, which would approach to a certain scraping style, written in Portuguese led me to conclude that such tool does not exist. So I set out to create one in the form of a manual and evaluate its usefulness by the students. This manual aims to: Help students during their learning, save class time and shorten the time it takes for a student to become autonomous. The manual was tested by three oboe students aged 14 to 16 years in Academia de Música de Paços de Brandão with a control group of three other students aged 14 to 17 years from the same institution. The objective was to analyze and compare the evolution between the experimental group and the control group over three months, through the observation of the reeds brought in to class every week and through the analysis of the results of a survey conducted at the end of those three months. It was also collected for analysis the opinion of some oboe teachers about the importance of teaching how to scrape a reed as well as how do they teach it and if they miss a tool like this manual. The final analysis shows essentially that the existence of this manual is positive not only for the evolution of the students as to their trust, but it doesn't replace the teacher and direct observation. It was also noted that class time used to clarify certain aspects was shorter by the students who had the manual.

Índice geral

1. Introdução	13
2. Enquadramento teórico	15
2.1. A palheta	15
2.2. A construção da palheta	16
2.3. Estilos de raspagem	19
2.4. A importância de fazer a própria palheta	22
2.5. Literatura existente	24
3. Apresentação do projeto	25
3.1. Definição da problemática e objetivos do projeto	25
3.2. Metodologia	26
3.3. Elaboração do Manual	27
3.4. Implementação do projeto	28
4. Questionário aos professores de oboé	29
4.1. Perguntas do questionário a professores de oboé	29
4.2. Análise das respostas obtidas no questionário a professores de oboé	35
5. Questionário a alunos de oboé	39
5.1. Dados pessoais	39
5.2. Questões colocadas aos alunos	40
5.3. Análise das respostas dos alunos	45
5.4. Discussão dos resultados	46
6. Conclusão	48
7. Bibliografia	49
8. Anexos	50
8.1. Anexo I - Manual de raspagem de palhetas	51
8.2. Anexo II - Questionários a professores de oboé	84

Índice das figuras

Figura 1: Cana em tubo	15
Figura 2: Divisão da cana em três	15
Figura 3: Guilhotina	15
Figura 4: Utensílio para a Pré-goivagem	16
Figura 5: Máquina de goivar	16
Figura 6: Utensílio para dar uma forma específica à cana	16
Figura 7: Imagem exemplificativa de um indivíduo a amarrar uma palheta	17
Figura 8: Estilo de raspagem – Francês	20
Figura 9: Estilo de raspagem – Americano	20
Figura 10: Estilo de raspagem – Inglês	20
Figura 11: Estilo de raspagem – Vienense	20
Figura 12: Estilo de raspagem – Alemão	20

Índice dos gráficos

Gráfico 1: Idade dos oboístas entrevistados	29
Gráfico 2: Grau de dificuldade atribuído à raspagem	30
Gráfico 3: Idade e grau dos alunos participantes	39
Gráfico 4: Importância da aprendizagem	40
Gráfico 5: Dificuldade da raspagem	41
Gráfico 6: Tempo médio por semana que dedicam à raspagem	41
Gráfico 7: Avaliação que fazem da sua progressão	42
Gráfico 8: Avaliação da melhor palheta	42
Gráfico 9: Frequência com que consultavam o manual	44
Gráfico 10: Avaliação da utilidade do manual	45

1. Introdução

O presente projeto educativo surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Música na Universidade de Aveiro e tem como objetivos a criação de um manual de raspagem de palhetas de oboé e a avaliação da sua utilidade junto dos alunos.

Ao longo do meu percurso como estudante de oboé um dos maiores obstáculos com que me deparei foi a raspagem da palheta, o passo final na criação de uma palheta de oboé. Demorei anos a ficar independente nesse domínio, mas não era o único: também os meus colegas manifestavam as mesmas dificuldades. Estávamos sempre dependentes do professor para nos esclarecer e orientar quando surgiam dúvidas e isso acontecia frequentemente, principalmente numa fase mais avançada da raspagem, dado que o número de variáveis e relações causa/efeito são vastas. Senti falta de um documento de apoio que me tirasse dúvidas quando elas surgiam e que me ajudasse quando não tinha o professor por perto.

Hoje em dia enquanto professor noto essa mesma dificuldade nos meus alunos, com um tempo limitado de aula (45 minutos na maior parte dos casos) torna-se muito difícil orientá-los no processo sem usar muito desse tempo, que é essencial para trabalhar outros pormenores. Todo o processo pode demorar anos a dominar até a autonomia ser atingida, dependendo do tempo que se dedicam a ele, mas penso que com uma ferramenta de apoio em casa muitas das dúvidas que lhes surgem durante o processo seriam esclarecidas, porventura demorariam menos tempo a ficarem independentes e o tempo que uso na aula a tentar esclarece-los seria usado para outro assunto.

A ideia de fazer este manual de raspagem surge depois de uma procura por essa ferramenta de apoio. Na maior parte dos métodos e manuais que encontrei o estilo de raspagem que usamos aqui na europa não era mencionado e nos manuais que encontrei em que esse estilo é abordado, a informação por vezes é demasiado vaga e nenhum deles está disponível em português. Portanto propus-me a fazer para este projeto educativo um manual de raspagem de palhetas que reunisse duas condições que eu acho serem essenciais: ser em português e explicar de forma clara e concisa todo o processo e os problemas que ocorrem durante o mesmo.

Este projeto educativo está organizado em quatro secções. Na primeira secção (ponto 2) faço um enquadramento teórico importante principalmente para quem não for

oboísta, onde abordo a construção da palheta, os vários estilos de raspagem, o porquê de os oboístas fazerem as suas próprias palhetas e uma análise da bibliografia existente sobre o assunto. A segunda secção (ponto 3) apresenta o projeto, as problemáticas associadas e a elaboração do manual, manual esse que foi submetido à experiência com três alunos da Academia de Música de Paços de Brandão, dois do ensino secundário e um do ensino básico. Na terceira secção (ponto 4) faço uma análise a questionários que enviei a vários professores de oboé, para tentar perceber se eles sentem os mesmos problemas que eu nesta área quando ensinam os seus alunos. A quarta secção (ponto 5) contém a análise do questionário feito aos alunos que participaram na experiência. Na conclusão será feita uma síntese de todo o trabalho e tecer-se-ão algumas reflexões e considerações sobre este projeto educativo.

2. Enquadramento teórico

2.1. A palheta

A evolução do oboé desde que este que surgiu em meados do século XVII, foi acompanhada de perto pela evolução das palhetas. Os relatos e amostras de palhetas mais antigos que existem remontam a finais do século XVII e princípios do século XVIII. Foi um período bastante experimental na história do oboé e tal como os próprios oboés, que eram por vezes bastantes diferentes de fabricante para fabricante, as palhetas e as suas formas e medidas também o eram. Enquanto em Inglaterra por exemplo, se usava uma palheta relativamente larga e comprida (ao estilo do corne inglês) em França era precisamente o contrário (Burgess e Haynes, 2004)¹. Ainda usado hoje é o material do qual são feitas as canas, *Arundo Donax*, que é um tipo de cana que cresce nos pântanos à beira rio e tanto nessa altura como hoje uma das principais regiões de fornecimento é a região de Var no sul da França (Burgess e Haynes, 2004).

De acordo com Burgess e Haynes a palheta relativamente larga e bastante raspada (em comparação com as atuais) usada durante o século XVIII e princípios do século XIX, tinha também como propósito compensar as diferenças de sonoridade e afinação que advinham do uso de meios buracos e sobretudo de dedilhações cruzadas (forquilhas) nos oboés dos períodos barroco e clássico. Há medida que o oboé foi evoluindo, com a adição de mais chaves e buracos, esses desequilíbrios foram-se diluindo e os oboístas começaram pouco a pouco a usar palhetas mais estreitas e mais curtas.

Ao nível da sua construção, nem todos os oboístas do século XVIII faziam as suas próprias palhetas, era uma área associada aos construtores de oboés e não aos instrumentistas. Existiam até pessoas que se especializavam só em fazer palhetas como por exemplo Thomas Ling em Londres (Burgess e Haynes, 2004). Essa mentalidade começou a mudar com os professores de oboé em Paris, podemos observar isso num relato de A. Vanderhagen² (c.1790) um conhecido oboísta da época “ Existem poucos oboístas profissionais (*professeurs*) que não sabem fazer as suas próprias palhetas, seria muito mais fácil se todos os oboístas fizessem as suas próprias palhetas, mais fortes ou mais fracas de acordo com a sua embocadura”. Esta tendência acentuou-se no século XX e apesar de ainda haver grandes oboístas a comprar palhetas feitas por outras pessoas, era esperado de

¹ Burgess, G; Haynes, B. (2004). *The oboe*. (pp.97). Yale Musical Instrument Series.

um oboísta profissional o domínio dessa área. Hoje em dia essa tendência mantém-se, apesar de haver mais facilidade em comprar palhetas já raspadas, é de esperar que o oboísta saiba o processo e sobretudo tenha o conhecimento necessário para fazer pequenos ajustes à sua própria palheta caso seja necessário.

2.2. A construção da palheta

O primeiro passo é a seleção e divisão dos tubos em três partes, tentando depois aproveitar as partes mais redondas do tubo e controlar uma série de outros fatores (diâmetro, dureza, etc.). Normalmente cerca de três quartos de um lote de canas vai parar ao lixo por não cumprir todos os requisitos.



Figura 1: *Cana em tubo*



Figura 2: *Divisão da cana*

O próximo passo será cortar a cana a meio com uma guilhotina própria para o efeito (figura 3).



Figura 3

² Burgess, G; Haynes, B. (2004). *The oboe*. (pp.99). Yale Musical Instrument Series.

Em seguida irá ser pré-goivada, neste passo a cana é inserida numa máquina ou utensílio cuja lâmina é direita (figura 4), basicamente vai retirar material em excesso e diminuir a espessura da cana de forma a poder ser goivada mais facilmente.



Figura 4

O próximo passo será a goivagem, esta máquina (figura 5) está normalmente equipada com uma lâmina arredondada ou em forma de elipse e irá raspar o que virá a ser o interior da palheta, a contar com a raspagem esta é a fase mais crucial para obtermos uma boa palheta.

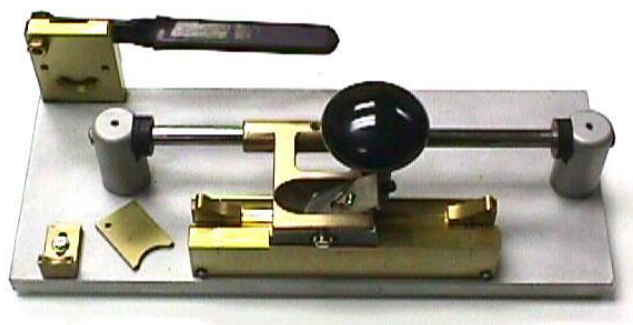


Figura 5

No antepenúltimo passo a palheta é inserida num utensílio próprio (figura 6) e irá ser cortada para lhe dar uma determinada forma. Existem centenas de formas diferentes, essas diferenças medem-se por vezes em milésimos de milímetro e podem nem ser visíveis a olho nu.



Figura 6

Depois de a cana estar formada esta é amarrada a um tudel (figura 7), usando normalmente fio de nylon.

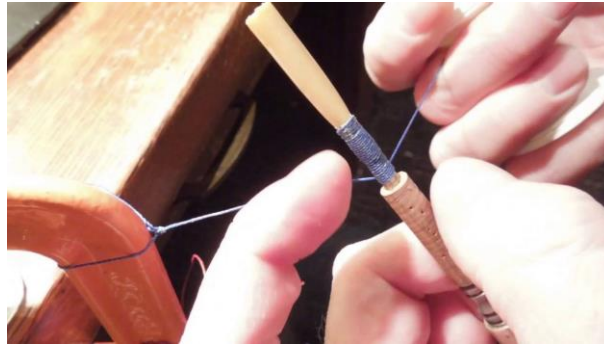


Figura 7

O último passo é obviamente a raspagem. Poucos são os oboístas profissionais que constroem as suas palhetas desde a fase inicial (tubo) até à fase final (raspagem), a maioria compra a cana por formar, ou já formada. O custo inicial (cerca de 3000€ para adquirir todo o material) e o tempo despendido em todo o processo são algumas das razões que levam a que grande parte dos oboístas opte por comprar cana por formar ou já formada. A vantagem para o oboísta de fazer ele todo o processo tem a ver com o controlo de qualidade, é possível controlar mais fatores e ser mais minucioso, os fornecedores produzem em massa e por vezes a qualidade deixa a desejar, o oboísta ao fazer todo o processo aumenta a probabilidade de obter uma palheta boa no final.

2.3. Estilos de raspagem

Os estilos de raspagem estão inevitavelmente associados às várias escolas de oboé (Burgess e Haynes, 2004). Para Burgess e Haynes (2004) e Ledet (1981)³, podemos considerar uma escola um grupo de músicos com a mesma educação musical e cuja técnica, instrumento, palhetas e sonoridade são iguais ou parecidas e passadas de professor para aluno ao longo de vários anos. Este tema das várias escolas não é consensual (se podemos considerar a existência de uma escola suíça, por exemplo) e teria material suficiente para uma dissertação dedicada só a este assunto. Resumidamente, segundo Burgess e Haynes (2004) emergiram no séc. XX cerca de oito escolas de oboé (Alemã, Francesa, Inglesa, Americana, Suíça, Holandesa, Vienense e Italiana) sendo que quatro dessas escolas são pequenas variações de cinco escolas principais. Os mais distintos representantes dessas cinco escolas são: Georges Gillet (1854-1920) em Paris, Léon Goossens (1897-1988) em Londres, Marcel Tabuteau (1887-1966) nos Estados Unidos da América, Alexander Wunderer (1877-1955) em Viena e Fritz Flemming (1873-1947) em Berlim (Burgess e Haynes, 2004).

Portanto temos cinco escolas principais, cada uma delas com as suas diferenças e semelhanças a vários níveis. No que diz respeito à raspagem da palheta essas diferenças são mais acentuadas em relação às raspagens americana e vienense (que é a única das mencionadas que hoje em dia não usa o modelo de oboé de conservatório), as imagens na página seguinte contêm exemplos de palhetas que segundo Ledet (1981) são fiéis representantes de cada uma dessas escolas.

³ Ledet, David A. (1981, 2008). *Oboe reed styles*. Indiana University Press.

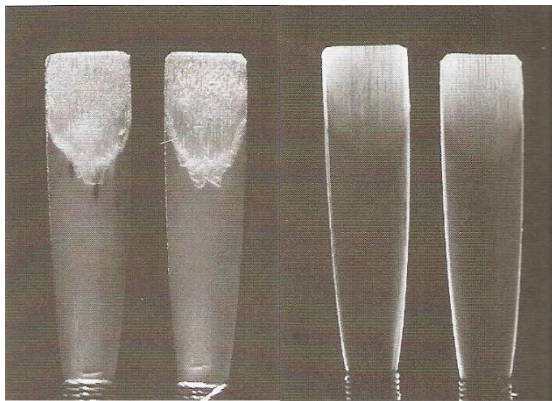


Figura 8: *Estilo francês*

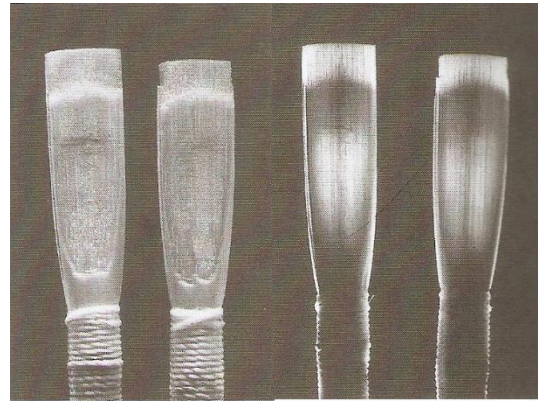


Figura 9: *Estilo americano*

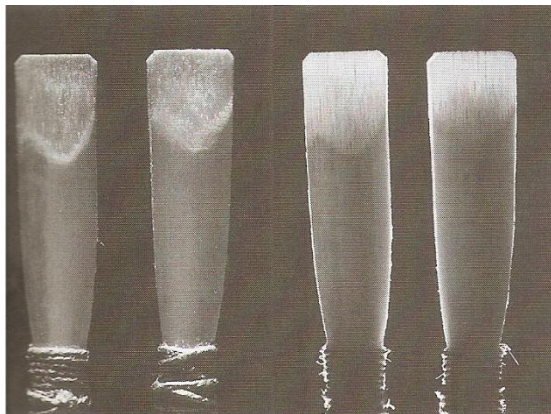


Figura 10: *Estilo inglês*

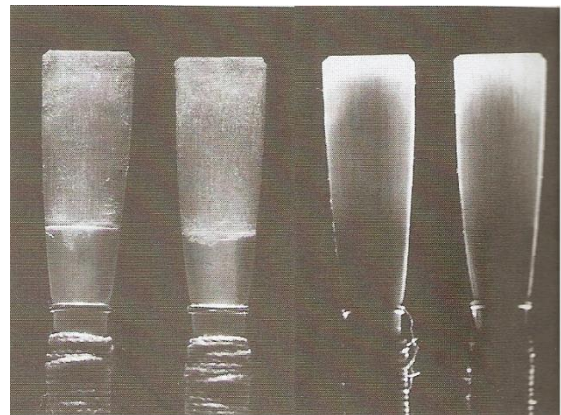


Figura 11: *Estilo vienense*

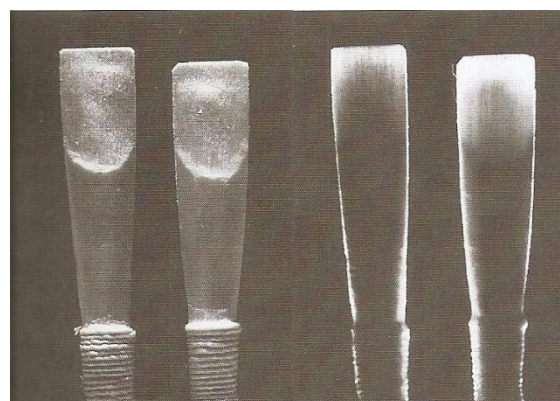


Figura 12: *Estilo alemão*

De acordo com Ledet (1981) podemos encontrar elementos diferenciadores entre elas que aliadas ao facto dessas características serem partilhadas e comuns a muitos oboístas que tiveram determinado professor, nos permitem associá-las a uma determinada escola.

A raspagem francesa (figura 8) podemos descreve-la como uma raspagem que tem cerca de 7.2cm de comprimento total, entre 9 a 13 mm de comprimento de raspagem e sem um coração ou espinha bem definidos (Ledet, 1984). A norte-americana (figura 9) como uma raspagem longa (entre 14 a 22 mm) com um coração bastante grosso e uma espinha acentuada, normalmente com duas “janelas “ bem vincadas de cada um dos lados da espinha (Ledet, 1981; Burgess e Haynes, 2004). A raspagem inglesa (figura 10) como uma raspagem muito parecida com a francesa mas com tendência a ser mais curta (9mm ou menos) e sobretudo mais fina na espessura final (Ledet, 1981). A vienense (figura 11), que devido ao próprio oboé ser diferente (tubo mais largo) usa uma raspagem entre 15 e 16 mm de comprimento (o próprio tudel é curto, entre 37 a 38mm) e geralmente é relativamente larga principalmente na ponta (Ledet, 1981). E finalmente temos a raspagem alemã (figura 12) que está entre a francesa e a americana, normalmente tem um comprimento de raspagem maior que o francês e menor que o americano (entre 10 a 12mm) e possui uma espinha e um coração notórios mas não tanto acentuados como a versão americana (Ledet, 1981).

O estilo de raspagem abordado neste projeto pode ser enquadrado no estilo alemão, não por eu o considerar superior aos restantes, mas apenas porque essa é a minha “escola”, fui influenciando pelos meus professores que por sua vez foram influenciados pelos deles. Apesar de tudo, ao nível europeu, hoje em dia já não faz tanto sentido falar em escolas alemã, francesa ou inglesa, na altura em que Ledet publicou o seu livro “Oboe Reed Styles” (1981) essas diferenças já se vinham atenuando (grande parte das amostras de palhetas recolhidas remontavam aos anos 60), cada vez mais partilham características umas das outras, especialmente ao nível das palhetas, para isso contribuíram dois fatores: O primeiro, o fato de haver uma tendência mundial para um ideal de som mais escuro, que vai na direção da escola alemã (Burgess e Haynes, 2004). O segundo, de acordo com Killmer (2008)⁴ a evolução gradual das máquinas de goivar e talhar assim como a

⁴ Ledet, David A. (1981, 2008). *Oboe reed styles*. (pp.XI). Indiana University Press

massificação de certas formas e as novas tecnologias trouxeram uma standardização e uma maior consistência no processo de fazer uma palheta.

2.4. A importância de fazer a própria palheta

“Do ponto de vista do professor e do aluno, o processo de fazer palhetas é um dos aspetos mais importantes na pedagogia do oboé. Fazer palhetas é uma parte inseparável no processo de aprendizagem do oboísta para ser bem-sucedido.” Ledet (1981)⁵

O timbre, articulação, emissão do ar, afinação e flexibilidade são aspetos influenciados diretamente pela palheta, a performance de um oboísta está intrinsecamente ligada á qualidade da sua palheta. O porquê dos oboístas fazerem as suas próprias palhetas (ao contrário dos clarinetistas e saxofonistas, por exemplo) é uma pergunta frequente e podemos mencionar três razões para isso:

A palheta simples, usada por saxofones e clarinetes é uma só peça de *Arundo Donax* com cerca do triplo do comprimento e mais do dobro da largura (comparando ao clarinete) cuja raspagem é feita num ângulo constante (facilitando a produção em massa) e é presa a uma estrutura fixa (boquilha). A palheta usada no oboé tem uma estrutura mais complicada, é semicircular, mais estreita, bem mais fina no geral e (o principal fator) é dupla. Enquanto na palheta simples o som é produzido através das vibrações da palheta contra a boquilha, na dupla esse som é produzido pela vibração conjunta das duas palhetas uma na outra. Sendo a cana um material delicado que se comporta de forma diferente consoante as condições de temperatura e humidade em que se encontra, essas mudanças, que também se sentem na palheta simples, são agravadas na palheta dupla, por ser mais fina e portanto mais suscetível e também por serem duas, basta um desequilíbrio numa delas para a palheta ficar radicalmente diferente. O que acontece muitas vezes é que a palheta que que no dia anterior em casa estava excelente, no dia seguinte no local do ensaio (por exemplo) está completamente diferente e aí o oboísta tem duas soluções: ou tem uma outra palheta que funcione bem no meio em que está, ou tenta adaptar essa

⁵ Ledet, David A. (1981, 2008). *Oboe reed styles*. (pp.XV). Indiana University Press

palheta de alguma forma (raspando, colocando um arame, cortando-a, etc.). Para a segunda opção é essencial que o oboísta tenha conhecimentos para fazer essas alterações.

A segunda razão prende-se com a relativa curta duração das palhetas, que obriga o oboísta a estar sempre a renovar o seu *stock*. É possível comprar palhetas já raspadas, mas nem sempre elas vêm ao gosto do oboísta que as compra (paragrafo anterior), ele pode tentar adaptar e melhorar essa palheta (desde que tenha conhecimentos para isso) mas isso também está dependente da qualidade dessa cana. Ou seja, comprar uma palheta já raspada não é garantia de comprar uma boa palheta, isso aliado ao fato de serem relativamente caras (entre 15€ a 25€ cada dependendo do fornecedor), não durarem muito no geral (como qualquer palheta) e ficar mais barato fazermos nós (se já tivermos o tudel e comprarmos a cana pronta a amarrar fica por pouco mais de 2€) faz com que seja uma boa ideia os oboístas fazerem as suas próprias palhetas

A terceira e mais importante razão tem a ver com a personalização. Como refere Neuhaus (1998) é na personalização que reside a principal vantagem do oboísta - *“Por último quero citar um pensamento do oboísta alemão Ingo Goritzki: longe de lamentar-se com os problemas que podem causar as palhetas, recordava-nos que somos afortunados porque temos a sorte de poder atingir através da construção de palhetas, uma personalidade tímbrica e musical absolutamente individualizada. A quantidade de sonoridades distintas que uma cana, segundo o seu desenho, é capaz de produzir num oboé é infinita. O timbre que alguns oboístas alcançam é tão característico que, ao escutar uma gravação, um ouvido sensibilizado o reconhece imediatamente. Como o oboé, só a voz humana tem a capacidade para alcançar esse nível de individualidade tímbrica...”*⁶

No oboé, as características físicas dos oboístas (fisionomia da boca, caixa de ar, etc.) influenciam vários aspetos desde a sonoridade à articulação, uma palheta que funcione bem para um determinado oboísta para outro pode não ser a ideal, daí que para um oboísta que tenha aspirações a ser excelente seja importante saber fazer e adaptar a palheta a si próprio.

⁶ Neuhaus, R. K. (1998). *Manual de construcción de cañas para oboés*. (pp.30). Universidad Autónoma de México.

2.5. Literatura existente

A literatura existente que se dedica só ao processo de raspagem ou que o aborda juntamente com outros processos é de certa maneira vasta, mas a maior parte aborda o estilo de raspagem americano, como por exemplo *The Art of Oboe Reed Making* de Berman (1988), *Oboe Reed Making* de Hedrick (1978), *Making Oboe Reeds, Step by Step* de Frisch (2012) e *Oboe – Art and Method* de Schuring (2009).

Sobre o estilo de raspagem abordado neste manual temos *Das Oboenrohr* de Karl Hentschel (Moeck, 1995) que é um excelente livro sobre a raspagem alemã, bastante pormenorizado ao nível das medidas com micrómetro mas infelizmente só está disponível em alemão. Temos também *Better Oboe Reeds* de Ole-Henrik Dahl (2001), que tem uma secção que aborda o processo de raspagem de uma forma bastante leve e sem ilustrações ou fotos, foca-se principalmente na avaliação e comparação de diferentes palhetas feitas por ele por vários oboístas. Na minha opinião o manual ou livro mais completo sobre o assunto é o *Manual de Construcción de Cañas para Oboes* de R. K. Neuhaus (1998), neste manual podemos encontrar informação detalhada sobre todo o processo de fazer palhetas, desde a cana em tubo até à raspagem, tem a desvantagem de só estar disponível em castelhano e ser demasiado denso para a faixa etária a que me proponho.

Ao nível audiovisual o dvd *The Oboe – Reed Making* de Linda Walsh (2008) é um excelente recurso, mostrando todo o processo até à raspagem e inclui entrevistas de grandes oboístas internacionais. No que diz respeito à raspagem é excelente pecando apenas, na minha opinião, por ser demasiado vago na resolução de problemas que a palheta possa apresentar. Hoje em dia qualquer jovem com 14 ou 15 anos tem acesso à internet, no Youtube por exemplo podemos encontrar vários vídeos sobre a raspagem, alguns bons outros nem por isso, a qualidade de imagem por vezes também não é a melhor, mas não consegui encontrar nenhum com raspagem europeia, quanto mais em português, têm apenas a vantagem demonstrar a técnica correta da faca.

Segundo Neuhaus (1998) a razão de não existir muito material de suporte sobre a raspagem europeia, principalmente durante o século XX poderá ter a ver com o fato de a tradição de passar conhecimento ser sobretudo oral, hoje em dia e tendo em conta a minha própria experiência e pelo que vejo de outros colegas (ver ponto 4) essa tradição ainda está bem presente.

3. Apresentação do projeto

Este projeto foi implementado na Academia de Música de Paços de Brandão tendo a duração de três meses e iniciou-se com uma aula de raspagem fora do horário letivo de três horas de duração a seis alunos de oboé dessa instituição, todos do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, sendo dois do ensino básico (5º grau) e quatro do ensino secundário (6º e 8º grau). Após essa aula e de modo a abranger o ensino básico e secundário, foi sorteado o uso do manual (ver anexo) entre as duas alunas do ensino básico e depois entre as quatro do ensino secundário, ficando portanto uma aluna do ensino básico e duas do secundário cada uma com uma cópia do manual. No final desses três meses foi distribuído um questionário aos alunos participantes no projeto, dividido em três partes: 1ª parte – perguntas sobre a raspagem no geral, 2ª parte – A ser preenchida pelos alunos que não tinham manual e 3ª parte – A ser preenchida pelos alunos que tinham manual.

Foi também realizado e distribuído um questionário a alguns professores de oboé, procurando a opinião dos mesmos acerca do tema ao nível pessoal e ao nível do ensino.

3.1 Definição da problemática e objetivos do projeto

Pelas razões mencionadas nos pontos anteriores, a raspagem e a aprendizagem da mesma é um passo importante para um oboísta tanto profissional como amador, para iniciar o ensino da mesma é essencial que o aluno seja maduro e sobretudo proficiente no oboé, porque tem que já ter uma ideia de como deve funcionar a palheta a vários níveis (resistência, afinação, etc.) e isso normalmente só costuma acontecer por volta do 4º ou 5º grau. A procura dessa ferramenta de apoio levou me a concluir que existe uma lacuna nessa área, dado que nenhum do material encontrado cumpria requisitos que eu acho serem essenciais: Estar num formato escrito e não em vídeo – o vídeo pode ser mais ilustrativo por vezes mas acho pouco prático quando queremos uma consulta rápida ou quando temos que o ir ver num ecrã maior para ver certos pormenores, ou então quando temos que estar à procura da parte que nos interessa e andar para trás e para a frente porque não percebemos bem; Explicar de forma clara e objetiva cada uma das fases da raspagem e sobretudo a parte final da mesma – o porquê da palheta não estar a funcionar da maneira que queremos

e o que podemos fazer em relação a isso; E ser em português – praticamente todos têm inglês na escola ou outra língua, mas especialmente nesta faixa etária, poucos são os que realmente dominam essa língua secundária.

A outra problemática tem a ver com o tempo que dispomos na aula. A criação deste manual não tem como objetivo substituir o professor, a observação direta ainda é o melhor método de ensino, o problema reside na duração das aulas, são cerca de 45 minutos semanais na maior parte dos casos. Nesses 45 minutos uns 5 minutos desse tempo são para montar o instrumento e colocar a palheta em água. Se depois o professor usar mais algum desse tempo de aula para demonstrar a raspagem e a pedir ao aluno que o imite, porque uma aula não é suficiente, pouco ou nenhum tempo vai sobrar para o resto e estamos a falar de alunos de pelo menos 5º grau o que implica preparar um repertório mais exigente e mais extenso.

Este projeto pode ser pertinente na medida em que obrigará não só a criação de um manual sobre o tema, como também avaliar a utilidade da existência desse mesmo manual.

3.2 Metodologia

As linhas orientadoras em termos metodológicos para este projeto foram as seguintes:

- Elaboração de um manual de raspagem de palhetas, tendo por base literatura existente sobre a matéria, a opinião de outros professores de oboé e a minha própria experiência.
- Aula de raspagem a seis alunos selecionados tendo em conta o grau e nível de proficiência no oboé.
- Distribuição do manual de raspagem a três desses alunos.
- Preenchimento de um questionário por parte de todos os alunos envolvidos: foi entregue em mão três meses depois da aula de raspagem.
- Questionário a professores de oboé sobre as dificuldades que este tema apresenta, a sua importância para os oboístas, a maneira como o abordam nas aulas e se sentem a falta de uma ferramenta de apoio como este manual. Foi enviado via correio eletrónico.

3.3 Elaboração do manual

A elaboração do manual teve em conta a faixa etária e o nível de conhecimento que é esperado que um aluno de oboé do 5º grau (pelo menos) tenha e por base princípios envolvidos na criação de um bom livro de instruções⁷: Explicar o problema e depois apresentar a solução para o mesmo; Uso de imagens exemplificativas sempre que possível e necessário; Dividir por etapas as tarefas e numerá-las de acordo com a sua ordem; Advertir para os possíveis erros que se possam cometer, entre outros. Baseie-me nos vários manuais e livros sobre o tema que encontrei (principalmente os que abordavam o raspagem americana) e recorrendo também há minha própria experiência como oboísta e professor de oboé, procurei criar um manual objetivo, simples, em português e que fosse tão útil para o aluno que está a iniciar a raspagem como para o aluno mais avançado.

O referido manual (ver anexo) está dividido em três secções: Na primeira secção é ilustrado e descrito todo o material necessário; a segunda secção descreve a técnica correta de manuseamento da faca quando raspámos; a terceira secção está dividida em duas partes: a 1ª parte aborda o início da raspagem passo a passo e tem como objetivo final que a palheta raspada produza sons e seja possível tocar com ela no oboé – nesta secção tentei simplificar ao máximo o processo e sobretudo dividi-lo em passos de modo a que o aluno o aborde de uma forma metódica; a 2ª parte é dedicada à resolução de problemas que a palheta possa apresentar depois de completados os passos mencionados na 1ª parte – nesta 2ª parte baseei-me no manual de Neuhaus (1998) e de Weait (2000)⁸ procurando ser ainda mais objetivo e claro atribuindo a uma causa específica uma solução específica.

Procurei também que fosse acessível para alunos de oboé (que já tenham completado ou não o 8º grau) que nunca tenham tido uma aula de raspagem na vida mas queiram por sua iniciativa começar a aprender a raspar.

⁷ Lanigan, Mary L. (2010). *How to create effective training manuals*. (pp.15). Third House Inc.

⁸ Weait, C. (2000). *Bassoon reed-making a basic technique*. McGinnis and Marx Music Publishers, New York, 3ª edição.

3.4 Implementação do projeto

Foi dada uma aula inicial de raspagem fora do horário letivo, com cerca de três horas de duração, a seis alunos selecionados. A seleção destes alunos teve por base três critérios: o grau que frequentam – é necessária alguma maturidade para este tipo de trabalho e também alguma destreza; a sua proficiência a tocar oboé – têm que saber o que querem de uma palheta, o que funciona e não funciona e também não queremos sobrecarregar com mais trabalho um aluno que esteja com dificuldades noutras áreas no instrumento; e por último que soubessem amarrar palhetas. No final dessa aula e como foi explicado no ponto 3 foi sorteado o uso do manual, ficando três alunos com o manual e os outros três sem, advertiu-se também que o uso desse manual seria individual e limitado apenas aos alunos cujo sorteio ditou o seu uso, não podendo em nenhum momento ser consultado pelos outros alunos.

Depois da aula inicial e do sorteio foi definido que cada um dos seis alunos envolvidos teria como tarefa trazer para a sua aula de oboé semanal uma palheta raspada por eles. Essa palheta seria alvo de análise por minha parte, seriam ouvidas as principais dificuldades sentidas pelo aluno e depois dadas recomendações por mim. No primeiro mês as dificuldades sentidas foram as mesmas, basicamente o domínio do movimento da faca, o que levava a raspassem demasiado em determinados sítios e a raspagem da ponta, que normalmente vinha completamente desfeita. No segundo mês comecei a notar um mais à vontade nos alunos que tinham o manual, apesar de as palhetas ainda virem bastante imperfeitas conseguiam facilmente identificar o problema e o que tinham feito mal, os que não tinham manual chegavam com mais dúvidas e por vezes com erros crassos. No terceiro mês as diferenças entre os alunos que tinham o manual e os que não tinham acentuaram-se ainda mais, dois dos três alunos com manual conseguiram mesmo fazer palhetas, que até pelos padrões deles não eram boas, mas apesar de tudo eram funcionais.

4. Questionário a professores de oboé

O questionário realizado a alguns professores de oboé, teve como principal objetivo perceber se os problemas descritos por mim neste projeto são partilhados por eles também. No capítulo seguinte elaborei a análise de um questionário feito a 5 professores de oboé, todos lecionam em Academias ou Conservatórios e de uma forma geral o objetivo foi saber quais as maiores dificuldades que eles próprios sentiram quando iniciaram a raspagem, como avaliam a importância de um oboísta saber fazer as suas palhetas e quais as maiores dificuldades que sentem quando a ensinam. Esse questionário é constituído por doze perguntas abertas, sendo algumas de resposta direta deixando ao critério de cada um justificar ou não a sua resposta e está dividido em duas partes – raspagem e raspagem ao nível do ensino.

4.1 Perguntas do questionário a professores de oboé

I – Raspagem ao nível individual

Com que idade começou a aprender a raspar uma palheta de oboé?

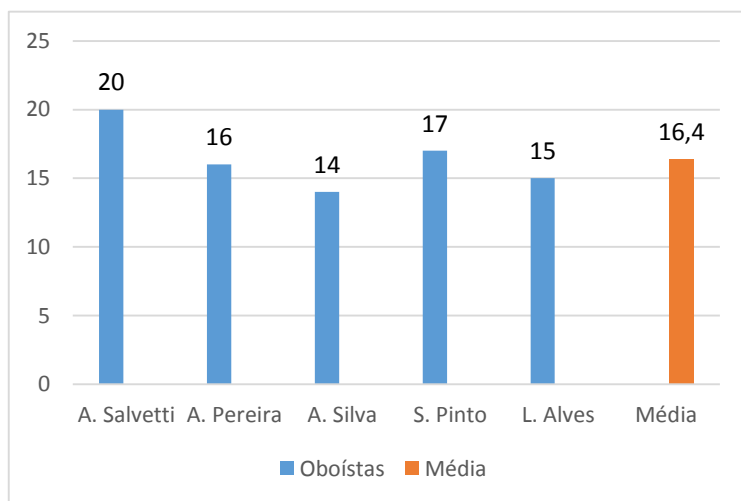


Gráfico 1

Como podemos observar no presente gráfico a média de idades com que iniciaram a aprendizagem da raspagem ronda os 16 anos de idade.

Quais foram as maiores dificuldades que sentiu quando iniciou essa aprendizagem?

Todos os oboístas inquiridos deram respostas diferentes a esta pergunta (ver anexo), o oboísta Aldo Salvetti mencionou o manuseamento da faca e a pressão correta a aplicar, já a oboísta Ana Silva afirma que foi ter mau material, nomeadamente a faca. Para o oboísta Luís Alves a raspagem da ponta foi a sua maior dificuldade no início enquanto para a oboísta Andreia Pereira foi o fato de não ter nenhum material didático que a ajudasse. A resposta mais curiosa foi a da oboísta Sandra Pinto *“O facto de eu ser canhota, e o meu professor não...tive de aprender tudo por espelho, o que foi muito complicado...”*.

Numa escala de 0 (muito fácil) a 10 (muito difícil), como classificaria o grau de dificuldade que envolve a raspagem de uma palheta?

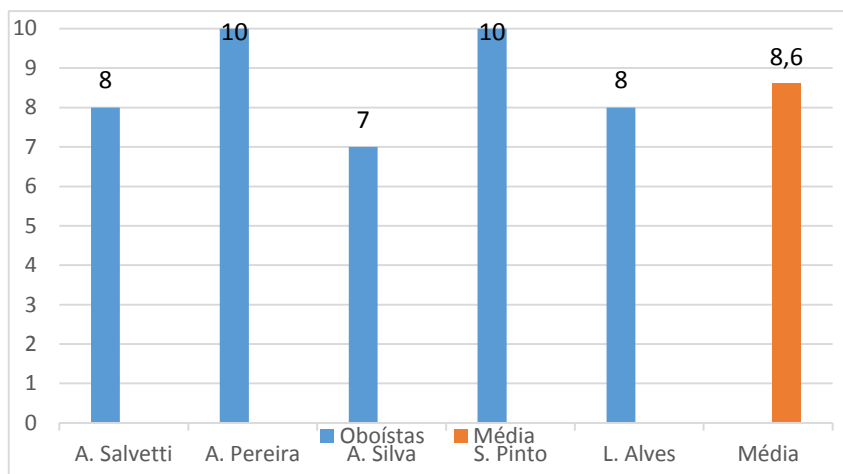


Gráfico 2

As classificações atribuídas dão uma média de 8,6 valores, a oboísta Andreia Pereira acrescentou à sua resposta que também *“Precisamos de ter muita sorte com a cana que trabalhamos e depois da maneira como raspamos... nunca sabemos o que irá sair dali...a maioria das vezes em 10 canas aproveitamos 3/4 “*.

Qual é a sua opinião acerca das palhetas que podemos comprar já raspadas?

As respostas a esta pergunta foram díspares, enquanto o oboísta Aldo Salvetti refere que nos melhores casos que conhece não consegue tocar com outras palhetas que não as suas e que *“Cada oboísta e cada oboé tem exigências específicas”*, o oboísta Luís Alves afirma que *“São uma grande valia para as exigências dos tempos modernos”*. A oboísta Sandra Pinto aproxima-se da opinião do oboísta Aldo Salvetti referindo que as que experimentou não gostou, acrescentando que têm que sofrer alterações porque a maior parte das vezes não se adequam a ela. A resposta da oboísta Ana Silva evidencia que a sua opinião acerca destas palhetas tem evoluído favoravelmente enquanto a oboísta Andreia Pereira refere que depende do fornecedor.

Acha que é vital para um oboísta saber fazer as suas próprias palhetas? Porquê?

Na resposta a esta pergunta praticamente todos os oboístas referiram que achavam vital um oboísta saber fazer as suas próprias palhetas, o oboísta Aldo Salvetti justificando a sua resposta refere que *“...a grande vantagem e desafio de tocar o oboé é de ter a oportunidade de fabricar mesmo o próprio som, como nenhum outro instrumento pode fazer neste nível de perfeição.”*, a opinião dos oboístas Luís Alves e Andreia Pereira vai de encontro a esse pensamento:

“Sim, porque só nós é que sabemos o que realmente procuramos desde sonoridade, ataque e projeção” (retirado da entrevista à oboísta Andreia Pereira, ver anexo)

“Sim, mesmo do ponto de vista do oboísta amador. Por uma questão de autonomia e singularidade: cada palheta é uma palheta diferente, cada pessoa é uma pessoa diferente.” (retirado da entrevista ao oboísta Luís Alves, ver anexo)

A oboísta Sandra Pinto acrescenta que *“...sabendo ajustar à nossa realidade, tudo se torna mais fácil...não devemos ficar refém do material, devemos conseguir ajustá-lo às nossas*

necessidades...”. Da opinião da oboísta Ana Silva (ver anexo) podemos deduzir que considera muito importante mas não vital um oboísta saber fazer as suas próprias palhetas.

II – Ao nível do ensino

A partir de que idade ou nível começa a iniciar os seus alunos na raspagem de uma palheta?

Os entrevistados Luís Alves, Andreia Pereira referem que costumam iniciar por volta do 5º grau (9º ano) enquanto a entrevistada Sandra Pinto inicia ainda mais tarde, no secundário considerando a raspagem “... *um processo muito complexo e que requer já alguma maturidade para o conseguir fazer...*” acrescentando ainda que os seus alunos financeiramente têm algumas dificuldades em adquirir o material. Já o entrevistado Aldo Salvetti tenta iniciar por volta do 3º grau (7º ano) referindo que depende muito do aluno, ponto em converge com a opinião da entrevistada Ana Silva.

Quanto tempo acha que demora um aluno a ficar independente nessa matéria?

Para a oboísta Andreia Pereira serão por volta de 2 anos referindo que “...*Demora algum tempo...porque habitua-se a que os professores estejam sempre por perto para lhes raspar uma palheta. Só quando se apercebem que têm que se desenrascar sozinhos é que lá raspam uma palheta ou outra...*”, a oboísta Sandra Pinto acrescenta que “... *tudo depende do seu tempo dispensado para isto...quanto mais treinar, mais rapidamente se tornará autónomo...*”. Essa opinião vai de encontro à dos oboístas Aldo Salvetti e Ana

Silva, acrescentando Salvetti que serão uns 2 ou 3 anos. O oboísta Luís Alves refere que serão 3 anos.

Quais são as maiores dificuldades que eles sentem?

O manuseamento da faca e a pressão correta são as maiores dificuldades que sentem nos alunos os oboístas Ana Silva, Aldo Salvetti e Luís Alves. Para a oboísta Sandra Pinto a paciência, ou falta dela, dos alunos em errar e a raspagem da ponta são as principais dificuldades que sente nos seus alunos enquanto que para a oboísta Andreia Pereira a maior dificuldade dos seus alunos está em perceber como e onde raspar.

Costuma usar algum tipo de material de suporte quando ensina a raspagem aos seus alunos (livros, vídeos, etc.), ou é apenas oralmente?

“Sempre que o faço gosto que eles observem, vou explicando passo a passo e depois quando começam, faço por vezes o desenho da raspagem, na própria cana ou simplesmente raspo um lado (uma das pás) e eles imitam como que em espelho o outro.”

(Ana Silva, entrevistada, ver anexo)

Todos os oboístas entrevistados referem o ensino através da observação direta, acrescentado a oboísta Andreia Pereira que “...desenho no caderno quais os sítios a raspar e indico as medidas mais ou menos certas para que consigam ter “sorte” com a palheta. (...)”, o único entrevistado que refere ter usado material vídeo foi a oboísta Sandra Pinto mas que hoje em dia já não usa justificando “...na atualidade não tenho tempo para isso...o tempo de aula não permite...tem mesmo de ser por imitação...eu faço e eles tentam fazer comigo...”.

Ao nível das academias e conservatórios de música, acha que o tempo de aulas que dispõe é o suficiente para guiar o aluno nessa aprendizagem?

Quatro dos cinco entrevistados afirmaram que não, só o oboísta Aldo Salvetii não foi claro na resposta referindo que “...*Acho que não se deve perder muito tempo para a palheta, mas sim educar o aluno a encarar o instrumento como um todo que inclui também a palheta (...)*”. Dos quatro entrevistados que acham o tempo de aulas insuficiente para guiar o aluno nessa aprendizagem, dois (as oboístas Ana Silva e Sandra Pinto, ver anexo) afirmam recorrer a aulas extra.

Ainda ao nível das academias e conservatórios, acha que é importante um aluno que complete o 8º grau (12º ano) seja independente ou esteja a caminho de o ser nesta área, mesmo que não siga a carreira profissional?

Todos os entrevistados responderam sim a esta questão, reforçando a sua resposta, no caso dos oboístas Luís Alves e Andreia Pereira (ver anexo), com o fato de muitos desses alunos continuarem a tocar em variados *ensembles* ao longo da sua vida. A oboísta Sandra Pinto, que também acha importante que consigam essa independência, deixa uma questão pertinente no ar “...*mas será que existem muitos alunos que consigam esta proeza?*”.

Acha que a existência de um manual simples em português - que guiasse o aluno quando não tem o professor por perto, o aconselhasse, prevenisse e o ajudasse na resolução de eventuais problemas que surgem numa palheta, ou até ensinasse o aluno todo o processo de raspagem desde o início – ajudaria o aluno a alcançar a independência neste domínio mais rápido e em menos tempo?

“*Sim, sem dúvida! Até para mim...às vezes até eu tenho certas dúvidas. Seria excelente e uma mais-valia para o ensino do oboé em Portugal e no estrangeiro!*” (Andreia Pereira, entrevistada, ver anexo)

“Sim, eu penso que seria uma excelente ajuda...contudo reforço a importância da persistência e boa vontade...sem isso, eles não conseguem insistir, errar e voltar de novo...na minha opinião, só com a experiência, se consegue adquirir as competências necessárias para obter bons resultados nesta matéria...mas claro que sim, um manual é sempre bem-vindo...”

(Sandra Pinto, entrevistada, ver anexo)

Os entrevistados Luís Alves e Aldo Salvetti também são da mesma opinião mas com uma condição para Aldo Salvetti “... *se for um bom manual!!*”. Já a oboísta Ana Silva é da opinião que mais importante que um manual são a prática e a observação.

4.2 Análise das respostas obtidas no questionário a professores de oboé

Em relação à primeira parte do questionário podemos observar que a maior parte iniciou a sua aprendizagem da raspagem por volta dos 16 anos de idade, não chegou a ser formulada a pergunta que idade tinham quando começaram a aprender oboé, teria sido relevante para perceber o porquê de começarem a aprender com essa idade a raspagem. Por conhecimento pessoal sei que nos casos da oboísta Andreia Pereira e do oboísta Aldo Salvetti foi pelo fato de se terem iniciado no oboé mais tardiamente, de qualquer maneira vemos que se enquadram nos requisitos que já referi e nos que os entrevistados também referiram, sobre a maturidade e proficiência no instrumento necessárias. Em relação às dificuldades sentidas a maior parte referiu o manuseamento da faca, que sem dúvida leva o seu tempo a dominar, pela perícia e minúcia necessárias e pela fragilidade da própria cana. Foi também referida a ausência de uma ferramenta de apoio didático, que vai de encontro há minha própria experiência. A oboísta Sandra Pinto refere um problema importante, os esquerdinos. Confesso que os alunos esquerdinos que tenho ainda não estão preparados para aprender a raspar, mas terei isso em conta e acrescentarei numa revisão futura do manual.

De uma maneira geral todos acharam muito elevado o grau de dificuldade que envolve a raspagem, o que vai de encontro ao que já afirmei neste projeto e à importância de ter uma ferramenta deste género ao dispor dos alunos.

As últimas duas perguntas podem ser relacionadas entre si, dado que na minha opinião o fato de existirem palhetas já raspadas à venda não significa que o oboísta já não precise de saber raspar palhetas. Podemos observar nas respostas dadas que pelo menos três dos entrevistados concordam comigo, gostem ou não das palhetas que se podem comprar, convergem num ponto importante e já abordado neste projeto, o fato de todos sermos diferentes e uma palheta que funcione bem com um oboísta pode não funcionar bem com outro, o que torna essencial que quem compra essas palhetas as saiba adaptar a si. Da resposta do oboísta Luís Alves, e indo para o campo da formulação de hipóteses, acho que ele não quer dizer que sejam palhetas já perfeitas (pode acontecer uma ou outra) para quem as toca, mas como ele menciona “*as exigências dos tempos modernos*” penso que se refere ao tempo que se pode poupar ao comprar uma palheta já raspada, até porque na pergunta seguinte ele refere que é vital para um oboísta saber raspar as suas próprias palhetas. De um modo geral podemos concluir que todos os oboístas acham esta tarefa de raspar uma palheta bastante difícil mas indispensável para os oboístas tanto profissionais como amadores.

Em relação à segunda parte do referido questionário todos os oboístas têm praticamente a mesma opinião acerca de quando se deve iniciar um aluno na aprendizagem da raspagem assim como o tempo que leva a atingir a independência, que está muito dependente do tempo a que ele se dedica à tarefa. Cabe ao professor avaliar o seu aluno e decidir quando é que ele está preparado para iniciar a raspagem, tem que ser maduro o suficiente para entender o que se pede dele e o que ele deve procurar atingir quando raspa uma palheta, tem que já saber amarrar palhetas devidamente e acima de tudo ter um bom desempenho no instrumento porque como refere o oboísta Aldo Salvetti “*...se o aluno tiver outros problemas para resolver, então não vou complicar-lhe a vida!*”.

As maiores dificuldades sentidas pelos alunos dos oboístas entrevistados são o domínio da faca, a falta de material didático, a raspagem da ponta e a paciência necessária a ter. A técnica de manuseamento da faca, a pressão correta a aplicar e o conhecimento do ponto de resistência de uma cana só advém depois de muitas horas de prática, a dificuldade

da raspagem da ponta está intrinsecamente ligada a esse domínio dado que é necessário que a cana fique praticamente transparente. A paciência podemos liga-la à motivação, se o aluno sabe o que está a fazer mal e o que tem que fazer para melhorar certos aspetos da palheta estará motivado para os corrigir, se o aluno não faz ideia do que fez mal ou do que fazer para corrigir esses aspetos aplicando soluções erradas começa a ficar desmotivado, o tempo que tem que perder para se dedicar a este processo de modo a obter resultados ainda é bastante significativo e se esses resultados não aparecem a paciência para se dedicarem a ele começa a desvanecer-se.

No que diz respeito ao uso de algum material didático basicamente todos os entrevistados negaram o seu uso, todos ensinam apenas com a observação direta nas aulas. Na minha opinião é melhor que qualquer método ou manual que possamos inventar, o problema está no tempo que temos ao nosso dispor e como podemos verificar nas respostas dadas todos acham o tempo de aula insuficiente para abordar esta matéria. A solução para alguns desses professores é simplesmente dar aulas extras, o que na minha opinião não é uma solução viável principalmente se já tivermos pouco tempo ao nosso dispor enquanto professores. Pelo que eu posso deduzir essa necessidade advém em parte porque os alunos não têm nada que os possa esclarecer em casa e só na aula têm essa oportunidade.

Também todos os inquiridos acharam importante que o aluno mesmo que não siga carreira profissional saiba fazer palhetas. Pela minha própria experiência enquanto professor e oboísta vejo muitos oboístas com o curso secundário completo mas que seguiram outras áreas profissionalmente ainda ativos, principalmente em bandas. Mas a maior parte contínua refém das palhetas que alguém faz para eles seja o ex-professor sejam compradas, observo grande preocupação e algumas vezes desmotivação para continuar a tocar o instrumento amadoramente porque a maior parte das vezes não têm palhetas adequadas. Arrependo-me de não me ter ocorrido mais cedo entrevistar esses ex-alunos e saber a sua opinião acerca deste assunto.

Na última pergunta é possível observar que todos acham que a existência de um manual como o que foi feito para este projeto educativo iria ajudar os alunos a alcançarem a independência mais cedo, porventura se fosse agora formularia a pergunta de outra forma de modo a averiguar se achavam que o tempo de aula usado para a raspagem também seria menor. Um dos entrevistados não deu uma resposta muito clara a esta pergunta preferindo realçar que é mais importante a observação direta. Contrapondo esse argumento e como já

referi, concordo que seja importante a observação direta, mas o seu custo implica normalmente aulas extras para não perder o tempo das aulas normais, porque vai ser preciso mais que uma aula certamente e isso também leva, na minha opinião, a que o aluno esteja sempre à espera do professor para o esclarecer e ajudar. Por experiência própria isso faz que o aluno demore mais tempo a alcançar a independência, no meu caso muitas vezes tinha receio de estragar uma palheta (que me parecia ter potencial) e preferia esperar por uma aula para o professor me ajudar, o que normalmente acabava com ele a completar o processo à medida que me explicava. Por essas razões, na minha opinião, a observação direta não deve ser o único método de ensino para a raspagem.

5. Questionário aos alunos de oboé

O questionário foi entregue aos alunos de oboé da Academia de Música de Paços de Brandão que participaram neste projeto em mão e preenchido por eles em casa, foi-lhes pedido que respondessem honestamente. O referido questionário é de cariz anónimo e encontra-se dividido em três partes, com uma parte introdutória onde são recolhidos dados como a idade, sexo e grau. A primeira parte aborda questões gerais ao nível da raspagem e a segunda e terceira parte continuam essa abordagem mas direccionada para quem não tinha o manual (segunda parte) e para quem tinha o manual (terceira parte). Este questionário é constituído por seis perguntas fechadas e cinco perguntas abertas.

5.1 Dados pessoais

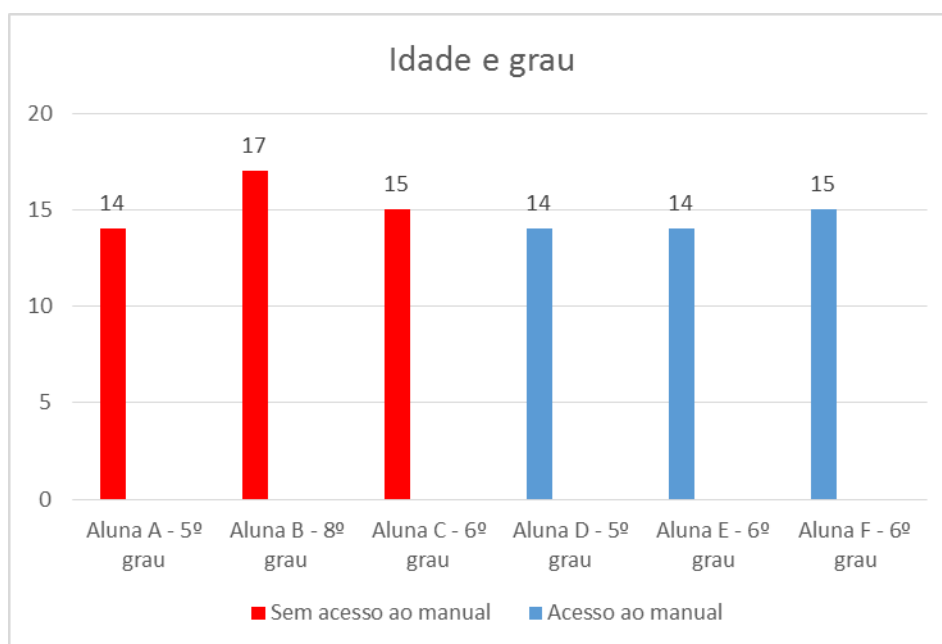


Gráfico 3

Todos os alunos que participaram neste projeto são do sexo feminino tendo três alunas 14 anos de idade, outras três alunas com 15 anos de idade e uma aluna com 17 anos de idade. As alunas A e D frequentam o 5º grau, as alunas C, E e F frequentam o 6º grau enquanto a aluna B frequenta o 8º grau. Quanto ao acesso ao manual três dessas alunas não tinham acesso, as alunas A, B e C enquanto as outras três alunas tinham, as alunas D, E e F.

5.2 Questões colocadas aos alunos

I – Raspagem

Numa escala de 1 (sem importância) a 5 (muito importante) como classificas a importância de aprenderes a raspar uma palheta?

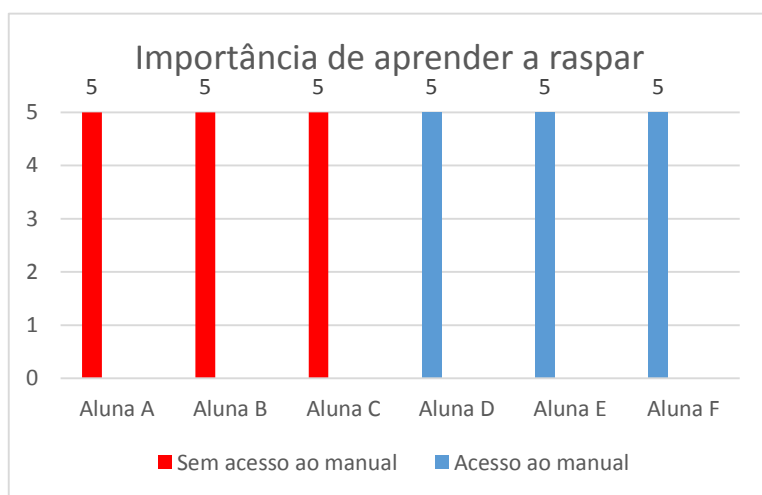


Gráfico 4

Numa escala de 1 (muito fácil) a 5 (muito difícil) como classificarias o grau de dificuldade que envolve a raspagem de uma palheta?

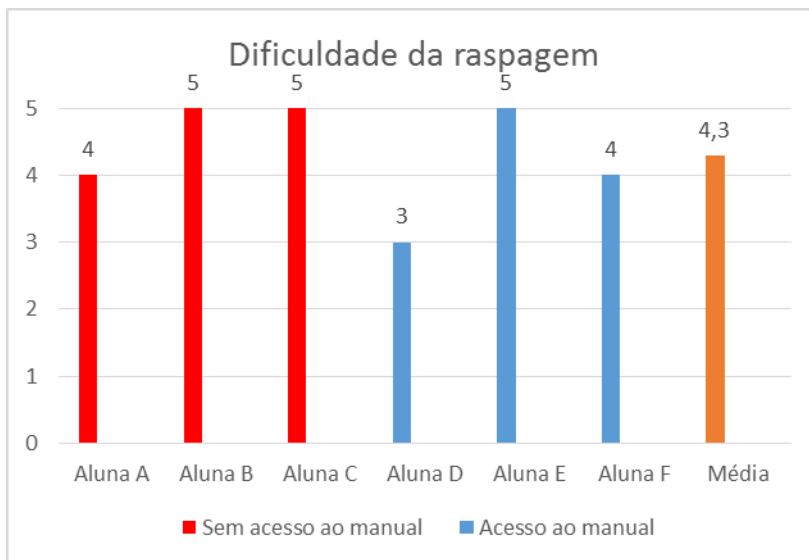


Gráfico 5

Quanto tempo em média por semana dedicas à raspagem?

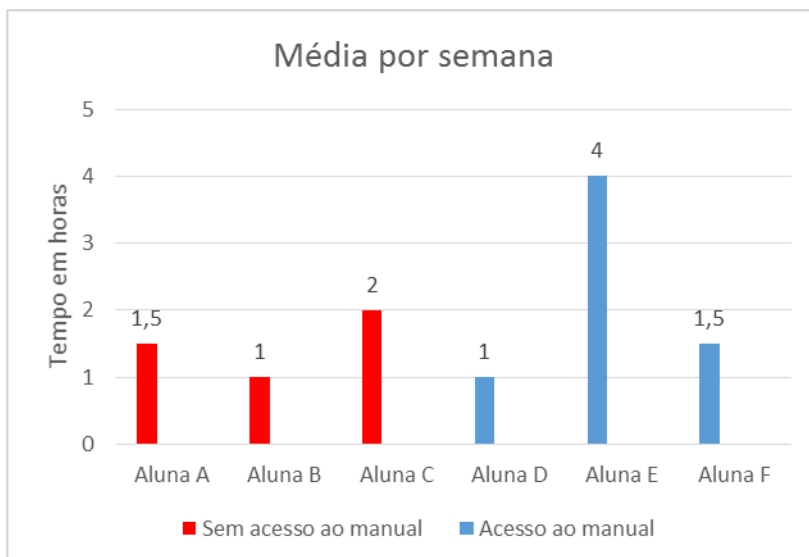


Gráfico 6

Numa escala de 1 (nenhuma progressão) a 5 (bastante progressão) como classificas o teu progresso na raspagem?

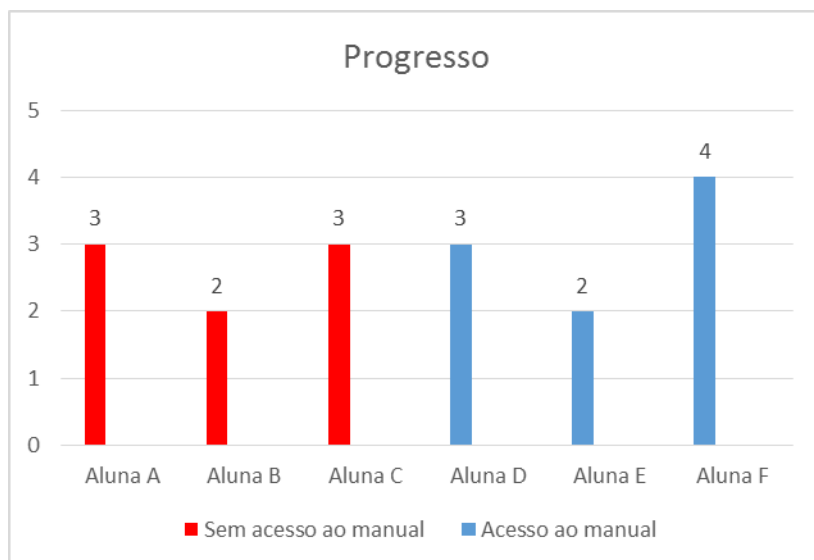


Gráfico 7

Numa escala de 1 (muito má) a 5 (muito boa) como classificas a melhor palheta que fizeste?

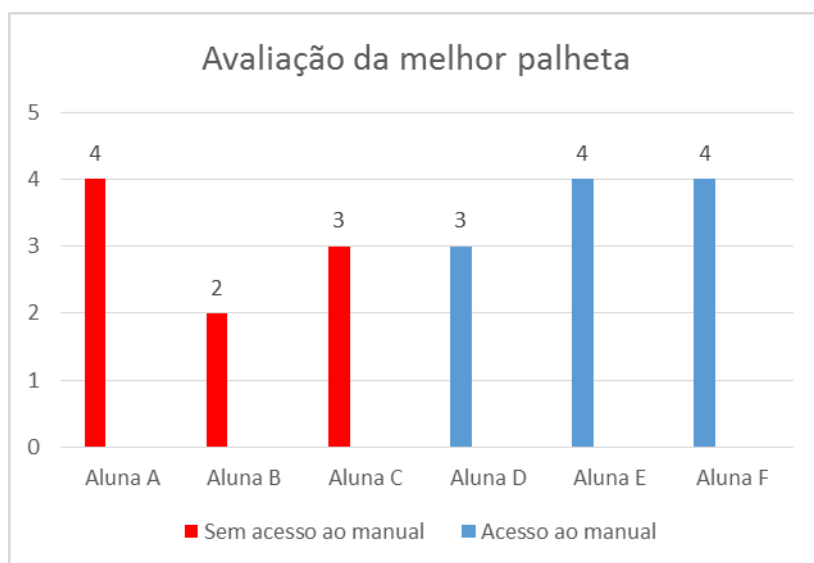


Gráfico 8

Os gráficos acima apresentados permitem-nos perceber que todos os alunos participantes consideram que é muito importante para eles aprenderem a raspar uma palheta. Quanto à sua dificuldade, a aluna A classifica com um 4 enquanto as alunas B e C com um 5, nas alunas com manual a aluna D classifica com um 3 enquanto a aluna E com um 5, já a aluna F classifica com um 4.

A média de tempo que dedicavam à raspagem por semana está entre a 1 hora, 1 hora e 30 minutos e as 2 horas, só a aluna E sai dessa média com cerca de 4 horas semanais. No que diz respeito ao progresso alcançado, as alunas B e E classificam-no com um 2 enquanto as alunas A, C e D com um 3, já a aluna F classifica esse progresso com um 4. Em relação à avaliação que fazem da melhor palheta que fizeram, a aluna B avalia essa palheta com um 2, as alunas C e D com um 3 e as alunas E e F com um 4.

Até agora quais são as maiores dificuldades que sentes?

Em relação às maiores dificuldades sentidas a raspagem da ponta foi a mais mencionada, só a aluna F não a mencionou, referindo que a maior dificuldade que sente é raspar os flancos, dificuldade essa também mencionada pela aluna E. Para além da raspagem da ponta a aluna B também referiu que sente dificuldades com o movimento da faca.

II - Raspagem – continuação (a ser preenchida apenas pelos alunos que não tinham acesso ao manual)

Sentiste falta de uma ferramenta de apoio (manual, método, livro) quanto praticavas a raspagem? Porquê?

A aluna A mencionou que sentiu “*alguma*” falta “*porque me surgiam dúvidas se estava a raspar corretamente*”. Já as alunas B e C referiram que sentiram falta, no caso da aluna B porque “*...houve momentos em que não sabia o que fazer ou se o que estava a fazer o*

estava a fazer bem e não tinha nenhum apoio escrito para ajudar na resolução desse problema” e no caso da aluna C porque “...tinha nesse manual todos os passos descritos ao pormenor.”

III - Raspagem – continuação (a ser preenchida apenas por quem tinha acesso ao manual)

Qual foi a parte do manual que foi mais útil para ti?

Em relação à parte do manual (ver anexo) que lhes foi mais útil a aluna D não elaborou a reposta referindo apenas que foi “*todo*”, a mesma resposta deu a aluna E acrescentando “*...principalmente a raspagem da ponta e verificava sempre os erros mais frequentes.*” A aluna F referiu que “*foi a parte sobre os problemas da palheta após ser raspada*”.

Numa escala de 1 (não consultava) a 5 (consultava muito) como classificarias a frequência com que consultavas o manual?

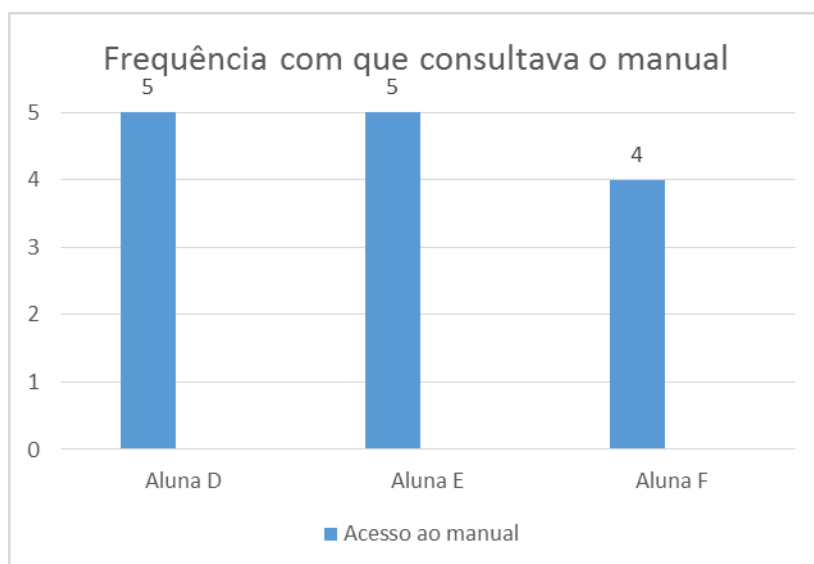


Gráfico 9

Numa escala de 1 (sem importância) a 5 (muito importante) como classificas a utilidade do manual?

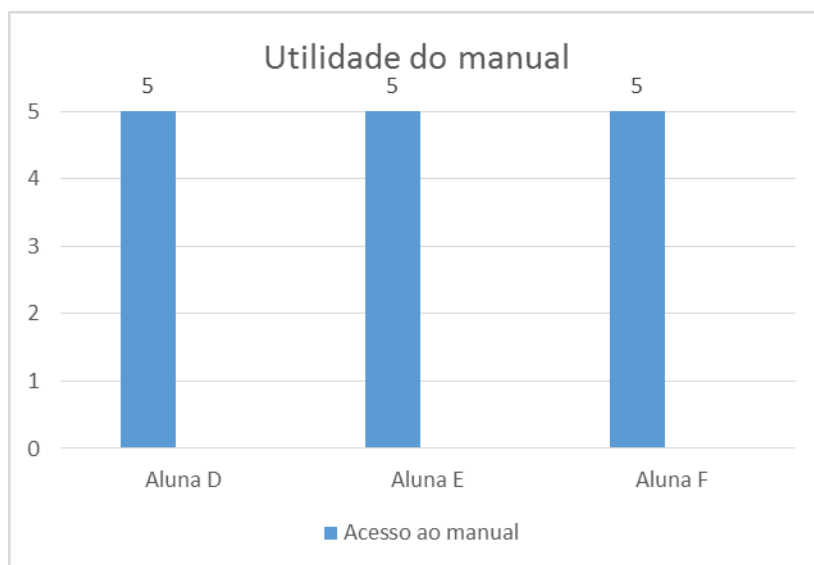


Gráfico 10

No que diz respeito à frequência com que o consultavam e como podemos ver pelos gráficos acima descritos, só a aluna F classificou a frequência dessa consulta abaixo de 5, nomeadamente com um 4. Quanto à avaliação que fazem da utilidade do manual todas as alunas o consideraram muito útil.

5.1 Análise das respostas dos alunos

No geral os dados recolhidos sugerem que todos os alunos que participaram neste projeto percebem a importância de aprenderem a raspar uma palheta, ao mesmo tempo também consideram essa aprendizagem bastante difícil em média. A percepção que têm da sua própria evolução é positiva dado que no geral consideram estar a progredir, apesar de em alguns casos considerarem essa progressão pequena. Apesar de tudo algumas respostas surpreenderam, nomeadamente a aluna E que classificou a sua progressão com um 2 apesar de referir que praticava a raspagem em média 4 horas por semana, conhecendo a aluna e o seu progresso posso afirmar que foi um pouco modesta nessa avaliação. A avaliação que fazem da melhor palheta que fizeram também me surpreendeu, a meu ver e pela avaliação que faço das palhetas que traziam para as aulas estava a contar com uma média de 1 ou 2. Até à realização deste questionário só duas alunas tinham conseguido trazer para a aula

palhetas que se poderiam considerar funcionais, as alunas E e F. Relativamente às maiores dificuldades sentidas não houve surpresas nas respostas obtidas, a raspagem da ponta foi no geral a maior dificuldade sentida porque implica um domínio muito apurado da faca.

Quanto à pergunta direcionada aos alunos que não tinham manual, verificamos que todos sentiram falta dessa ferramenta, nomeadamente para esclarecer dúvidas que vão surgindo durante o processo.

No que diz respeito às questões colocadas apenas aos alunos que tinham acesso ao manual, verificamos que consultavam frequentemente o referido manual, principalmente a primeira parte do mesmo, só a aluna F mencionou que a segunda parte, que aborda os problemas que a palheta pode ter depois de já estar minimamente funcional, foi a que consultou mais frequentemente. Todos consideraram o manual muito útil.

5.2 Discussão dos resultados

Ao longo da duração deste estudo pude observar que a utilidade deste manual nas primeiras semanas não é muito relevante. O correto manuseamento e domínio da técnica da faca são requisitos essenciais para se fazer o que pede no manual, enquanto os alunos não têm esse domínio e controlo, que só se alcança praticando regularmente, o manual não parece ser de muita utilidade. Demorou cerca de 1 mês e meio na maior parte dos casos até começarem a ter algum desse controlo e domínio, foi por volta dessa altura que comecei realmente a notar algumas diferenças entre quem tinha e quem não tinha o manual. Ainda não eram diferenças ao nível da qualidade das palhetas, mas sim ao nível do conhecimento, quem tinha o manual, à exceção dos erros mais óbvios (ponta danificada, por exemplo), sabia exatamente o que estava mal na palheta enquanto quem não tinha o manual parecia mais perdido e com mais dúvidas. Essencialmente quem tinha o manual parecia mais confiante e seguro do que estava a fazer.

Apesar de os resultados do questionário não evidenciarem isso, só dois alunos conseguiram fazer realmente uma palheta, que não era perfeita, mas era funcional e podiam perfeitamente estudar com ela, esses dois alunos tinham o manual, foram as alunas E e F. Se essas mesmas alunas o teriam feito na mesma sem o recurso ao manual não posso

afirmar com certeza e a reduzida amostra deste estudo também não permite tirar conclusões bem fundamentadas. Mas podemos observar pelas repostas dadas no questionário, sobretudo à pergunta “*Qual foi a parte do manual que foi mais útil para ti?*” que lhes foi realmente útil.

Pelo que pude observar nestes 3 meses a terceira melhor aluna foi a aluna A, apesar de não ter conseguido raspar uma palheta que fosse minimamente funcional, evoluiu bastante na técnica de raspagem, faltando-lhe apenas mais controlo quando raspava a ponta. A quarta melhor aluna na minha opinião foi a aluna D, o fato de não ter tido um desempenho melhor, apesar de ter o manual, poderá ter a ver com o fato de ter demorado mais tempo até conseguir um domínio da técnica da faca aceitável e também, a par com a aluna B, foi quem menos tempo dedicou a esta atividade por semana (cerca de 1 hora, ver ponto 5.2). As alunas B e C em termos de progressão considero-as empatadas, dado que, na minha opinião, a evolução delas foi pequena. Importa mencionar que houve semanas em que estas alunas não trouxeram palhetas raspadas e essa parece-me ter sido a principal razão dessa evolução não ter sido maior. Embora essas alunas mencionarem no questionário que sentiram falta de uma ferramenta de apoio como este manual, não me parece que ele fosse instrumental numa evolução maior, dado que e volto a frisar que é a minha opinião, o principal problema destas alunas foi não terem sido mais regulares no tempo que dedicavam à raspagem. Apesar de tudo esperava mais da aluna B pelo fato de ser do 8º grau e de querer continuar a tocar oboé amadoramente depois de terminar o curso, o fato de dar bastante prioridade ao ensino regular e de ter pouco tempo para dedicar ao oboé é a razão principal do desempenho aquém do esperado. Depois de finalizado este projeto irei fornecer-lhe o manual esperando que contribuía positivamente para a sua evolução, dúvido que consiga autonomia até ao final do ano letivo, mas espero que pelo menos o manual a ajude a resolver eventuais problemas que encontre em palhetas compradas.

6. Conclusão

O presente projeto educativo cumpriu os seus objetivos principais – criar uma ferramenta de apoio para os alunos de oboé que estejam a iniciar a raspagem e avaliar a sua utilidade junto dos mesmos. Apesar da reduzida amostra, é possível verificar que os alunos que usaram o manual o consideraram muito útil e os que não tiveram acesso a ele manifestaram ter sentido a falta de uma ferramenta do género. Verifiquei também que o tempo de aula despendido a tirar dúvidas e a auxiliar os alunos foi menor nos alunos na posse do manual. O único objetivo do manual que ficou por esclarecer foi se este ajuda os alunos a alcançar a autonomia nesta área mais cedo, três meses não é tempo suficiente para fazer essa avaliação, cerca de um ano teria sido o ideal. Apesar de tudo constatei ao longo dos três meses deste estudo que a utilidade do manual só se verifica depois de aperfeiçoado o manuseamento da faca, que dependendo do tempo que dedicam à raspagem, pode demorar um mês ou mais.

Foi também verificado através de entrevistas a professores de oboé que a importância do ensino da raspagem continua bem presente hoje em dia, assim como as várias dificuldades inerentes sentidas tanto por professores como por alunos. O fato de nenhum dos professores de oboé entrevistados usar algum tipo de material de apoio e de acharem no geral uma boa ideia um manual deste tipo é também indicativo da minha constatação neste projeto, que o que existe não é ideal.

Constatei também ao longo do meu percurso como professor de oboé, que nem todos os alunos que completam o secundário (8º grau) seguem para o ensino superior nessa área, nem têm que o fazer, mas muitos continuam musicalmente ativos (principalmente em bandas). Todos os professores de oboé entrevistados responderam afirmativamente à pergunta se achavam importante um aluno nestas condições ser independente quando completa o 8º grau, mas como podemos observar pela resposta da oboísta Sandra Pinto, classificando-a de proeza, quantos conseguem essa independência? Teria sido interessante para este projeto questionar alunos nessa situação e também acompanhar a minha aluna do 8º grau até ao final do ano letivo e verificar se ela consegue ou não essa autonomia.

Não deixando de ter em conta a limitação da amostra do projeto, posso concluir que de fato este manual é uma ferramenta útil que irei continuar a aperfeiçoar e irei sem dúvida fornecer-lo a todos os meus alunos que iniciem esta importante etapa.

7. Bibliografia

Burgess, G; Haynes, B. (2004). *The oboe*. Yale Musical Instrument Series.

Blasco-Yepes. (2010). *The influence of reed making on the performance and sound quality of the oboe*. Universidade Politécnica de Valencia.

Frisch, Naomi B. (2012). *Making oboe reeds – Step by step*. Amazon.

Henrique, Luís. (1999). *Instrumentos Musicais*. Fundação Calouste Gulbenkian, 3ª edição.

Henrik Dahl, O. (2001). *Better oboe reeds*. Mediafabrikkens ApS. Denmark.

Hentschel, K. (1986). *Das oboenrohr*. Moeck.

Lanigan, Mary L. (2010). *How to create effective training manuals*. Third House Inc.

Ledet, David A. (1981, 2008). *Oboe reed styles*. Indiana University Press.

Neuhaus, R. K. (1998). *Manual de construcción de cañas para oboes*. Universidad Autónoma de México.

Schuring, Martin. (2009). *Oboe – Art and method*. New York: Oxford University Press.

Weait, C. (2000). *Bassoon reed-making a basic technique*. McGinnis and Marx Music Publishers, New York, 3ª edição.

8. Anexos

Anexo I – Manual de Raspagem de Palhetas de Oboé

MANUAL DE RASPAGEM DE PALHETAS DE OBOÉ

Índice

Material necessário	1
Manuseamento da faca	4
Estrutura da palheta	7
Raspagem – 1ª parte	8
Primeiro passo	8
Segundo passo	9
Terceiro passo	9
Quarto passo	10
Quinto passo	10
Sexto passo	12
Sétimo passo	12
Oitavo passo	14
Raspagem – 2ª parte	16
Problemas/Causas/Soluções	19
Problema A	19
Problema B	19
Problema C	20
Problema D	21
Problema E	22
Problema F	23
Problema G	23
Problema H	24
Problema I	25
Problema J	26
Problema K	30

MATERIAL NECESSÁRIO

Faca (própria para raspagem, bem afiada) – Existem com dois tipos de lâmina, a da fig.2 é o melhor tipo de lâmina para iniciar a raspagem, o segundo tipo (fig.3) é normalmente uma lâmina mais afiada, ideal para detalhes mais minuciosos, mas também mais frágil.



Fig.1



Fig.2



Fig.3

Mandril (opcional) – O uso do mandril na raspagem depende de oboísta para oboísta, proporciona uma pega melhor, mas também se perde mais tempo a colocá-lo e a tirá-lo sempre que queremos testar algum pequeno ajuste que tenhamos feito.



Fig.4

Lingueta – O melhor será ter duas, uma fina de metal e uma côncava de madeira.



Fig.5

Arame de 0.30mm de espessura – Feito de latão, é usado para controlar a abertura da palheta quando necessário.



Fig.6

Cepo, Corta-unhas (com ponta de corte igual ao da imagem) ou Guilhotina – Para cortar a ponta da palheta a maneira mais fácil e mais precisa é com a guilhotina (fig.9), mas também é a mais cara. No extremo oposto temos o cepo (fig.7), é o mais difícil de dominar mas também o mais barato. O corta-unhas (fig.8) é uma boa alternativa ao cepo, comprado numa loja da especialidade é relativamente caro, mas é possível encontrar em lojas de produtos de beleza corta-unhas com ponta de corte direita por um preço pouco superior ao do cepo. Qualquer um destes três utensílios serve perfeitamente.



Fig.7



Fig.8



Fig.9

Teflon (fig.10), Baudruche (fig.11) ou Película Aderente (fig.12) – Qualquer um destes três itens mencionados serve para a tarefa que deles se pede, vedar a palheta.



Fig.10



Fig.11



Fig.12

Alicate – Para colocar e cortar o arame quando for necessário colocá-lo.



Fig.13

Micrómetro (opcional) – Usado para verificar a espessura de determinada zona da palheta, é uma ferramenta opcional mas aconselhável a ter (não é propriamente barato) principalmente nesta fase inicial da aprendizagem, quando ainda não temos aquele treino visual (que advém da raspagem de dezenas ou centenas de palhetas) que nos permite ver determinados pormenores na palheta.



Fig.14

MANUSEAMENTO DA FACA

Antes de começarmos com a raspagem propriamente dita, temos que aprender a manusear corretamente a faca.

Devemos segurá-la com a mão direita (se formos destros) com a lâmina da faca a apontar para baixo.



Fig.15

A mão esquerda servirá para segurar a palheta (fig.16), com ou sem mandril, mas também terá um papel muito importante no movimento da faca. Depois de termos a faca na mão direita da maneira correta, devemos encostar a lateral da lâmina ao polegar da mão esquerda. A zona da lâmina onde estiver o nosso polegar vai ser a que vamos usar para a raspagem (fig.17), esta vai variar consoante raspamos a palheta.



Fig.16

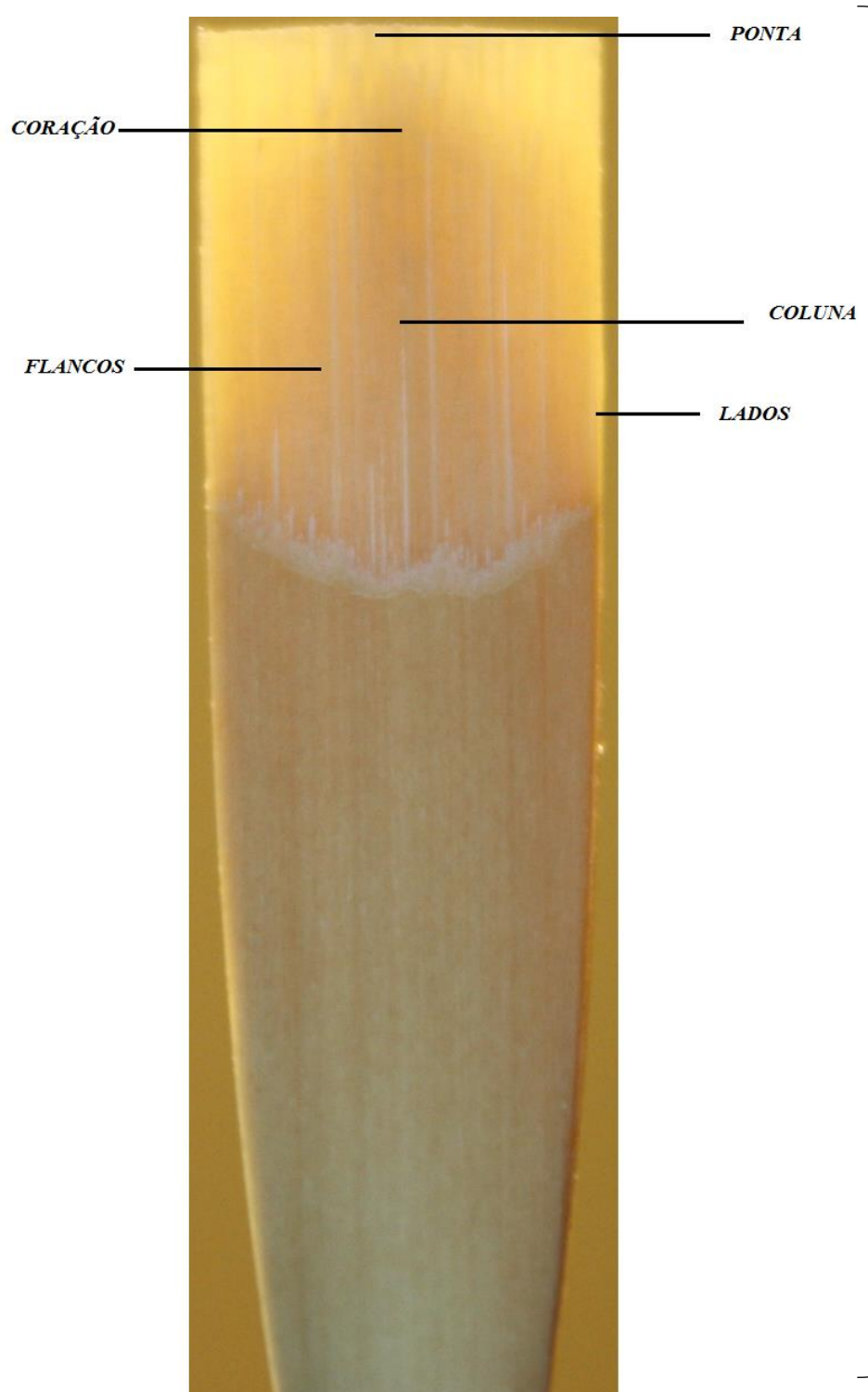


Fig.17

A parte mais importante deste processo é obviamente o movimento da lâmina. Esse movimento deve ser executado sempre com a lateral da lâmina apoiada no polegar da mão esquerda (aspecto muito importante), num movimento horizontal de trás para a frente com um movimento de pulso da mão direita. Lembrem-se que queremos raspar a palheta e não cortá-la.

ESTRUTURA DA PALHETA

Um dos aspetos importantes da raspagem de uma palheta é conhecer as secções que devem ter e os nomes pelos quais são conhecidas. A imagem abaixo dá-nos uma ideia da estrutura de uma palheta raspada.



PÁ

Fig. 18

RASPAGEM 1ª PARTE

Existem muitas maneiras de abordar a raspagem de uma palheta, a que será demonstrada é na opinião do autor a maneira mais simples de o fazer.

Primeiro passo – Colocar a palheta em água entre 2 a 5 minutos. Certifiquem-se que esteja a cana esteja toda dentro da água (até ao fio), se a palheta estiver pouco tempo dentro de água o risco de ela rachar no processo aumenta. Em seguida inserir uma lingueta (quanto mais fina melhor) de lado entre as duas pás (fig.19) e com um movimento para cima abrir a ponta (fig.20).

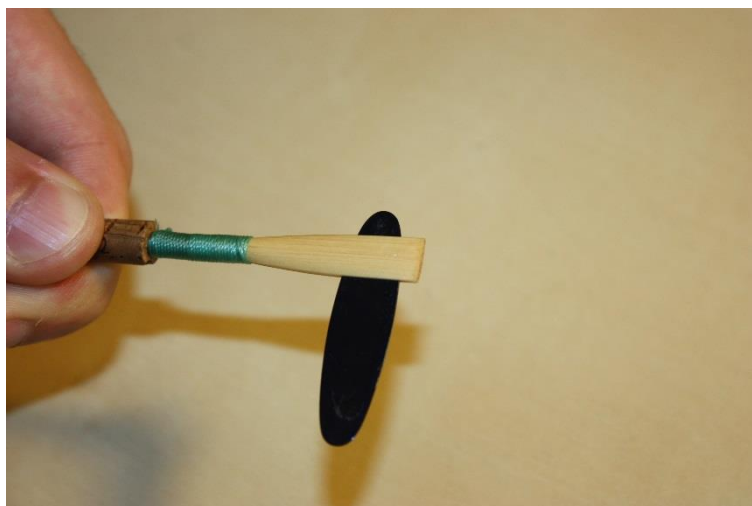


Fig.19

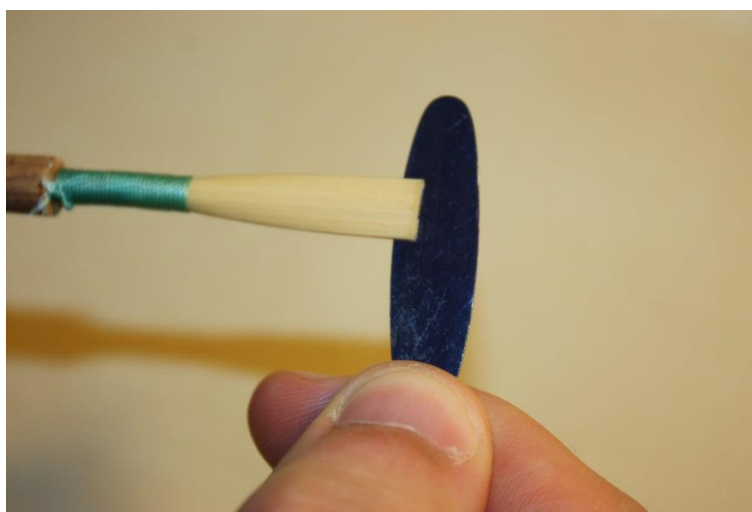


Fig. 20

Erros mais comuns

Fazer demasiada força para abrir os lados da palheta para colocar a lingueta e partir a cana.

Segundo passo – Raspar cerca de 2mm nos dois lados da cana, a contar da ponta. Esses 2mm não precisam de ficar extremamente finos ou perfeitos (são para cortar fora) mas quanto mais finos menos possibilidades existem de a palheta rachar no processo de corte mencionado no passo seguinte.



Fig. 21

Terceiro passo – Com um corta unhas, cepo ou guilhotina cortar esses 2mm que acabámos de raspar (coloquem a palheta na água outra vez se a sentirem seca).

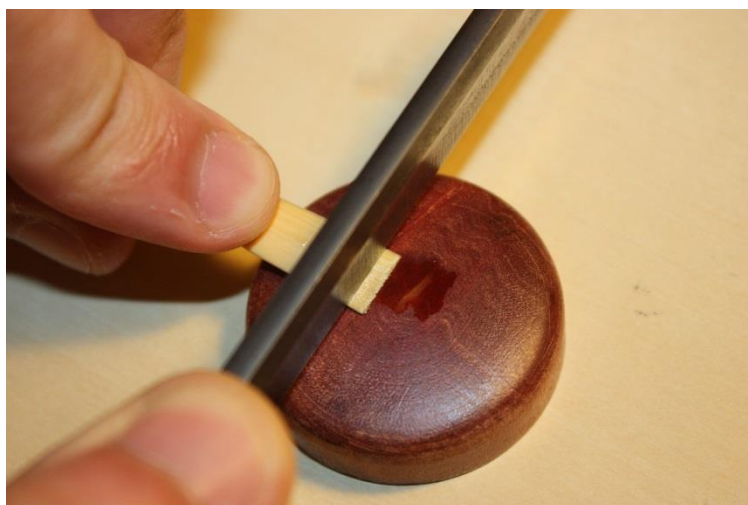


Fig. 22

Erros mais comuns

O corte não ficar no ângulo certo

Quarto passo – A contar da ponta da palheta medir 11mm e marcar a lápis essa zona. Em seguida desenhar um U com uma boa abertura.



Fig. 23

Quinto passo – Para facilitar a raspagem neste passo vamos dividir a palheta em 5 secções (fig. 24). Começando na secção mais à esquerda ou mais à direita vamos raspar seis vezes em cada secção, a começar na base do U até á ponta da palheta com um movimento da faca firme, repetir o mesmo do outro lado.



Fig. 24



Fig. 25 (aspeto depois do quinto passo)

Erros mais comuns

Criar pequenas irregularidades ou altos (também conhecidos como “escadas”) porque o movimento da faca ainda não está bem aperfeiçoado. A maneira mais fácil de os retirar é raspá-los com um movimento lateral

Sexto passo – Vamos ter em conta as mesmas 5 secções mencionadas no passo anterior, só que desta vez não vamos tocar na secção da coluna (a vermelho) e vamos raspar de uma forma mais homogénea tentando fazer com que cada secção se funda com a outra de maneira a que o padrão que mencionamos no passo anterior não fique vincado na palheta.



Fig. 26

Erros mais comuns

Raspar demasiado, principalmente nos flancos e lados

Formarem-se pequenos altos (escadas) devido ao movimento irregular da faca

Sétimo passo – Este é o passo mais difícil e que levará mais tempo a dominar, raspar a ponta (fig. 27). Com uma régua a partir do meio da ponta medir cerca de 1mm e marcar com um lápis. A partir dessa marca desenhar uma elipse na ponta da palheta (o grau de abertura dessa elipse poderá variar á medida que formos raspando). Raspar até a cana nessa zona ficar praticamente transparente (fig. 28).

À medida que formos raspando procurar sempre que a transição entre a área do que virá a ser o coração e a ponta não fique demasiado acentuada nem demasiado plana e que a distância entre o coração e o final da ponta não seja superior a 1.5mm.



Fig. 27

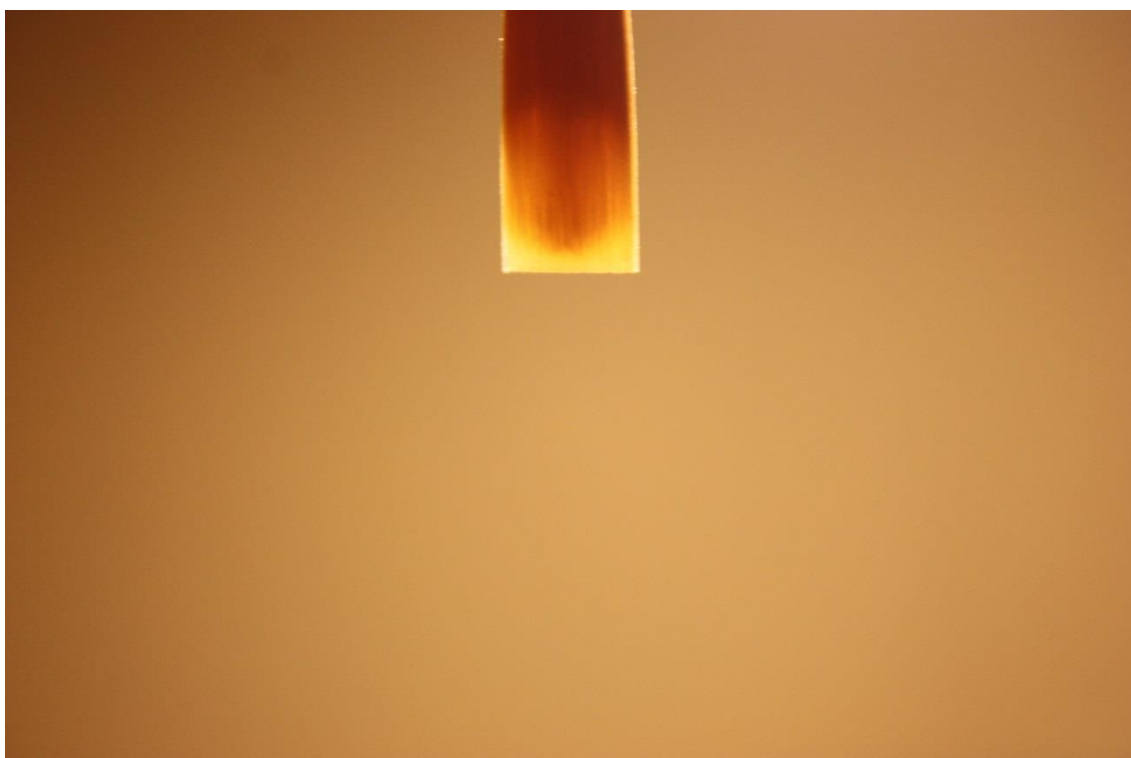


Fig. 28 (aspeto depois de raspada a ponta – vista a contraluz)

Erros mais comuns

Arrancarmos inadvertidamente pequenos bocados da ponta

A transição coração-ponta ficar demasiado acentuada ou demasiado plana.
Acabarmos inadvertidamente por raspar uma ponta demasiado comprida fazendo com que o coração fique demasiado recuado.

Oitavo passo – A palheta ideal ao fazê-la vibrar produzirá sons graves e agudos com um bom equilíbrio entre eles e a nota fundamental deverá ser um Si ou um Dó. A palheta poderá estar um pouco aberta demais e poderá não estar a vedar bem, portanto antes de a testar, coloquem o teflon, baudruche ou película aderente e fechem-na com cuidado na ponta com os dedos durante algum tempo (uma abertura demasiado grande pode induzir-nos a pensar que a palheta ainda tem muita cana). Se ainda não vibrar, ou for extremamente difícil fazê-lo é sinal que ainda tem muita cana e devemos repetir o sexto passo (sem tocar na ponta desta vez), certifiquem-se também que a ponta está praticamente transparente vista em contraluz e que a coluna não está demasiado larga. Depois de efetuados estes ajustes testar outra vez (atenção à abertura). Se vibrar, nem que ainda não seja a vibração perfeita, podemos testá-la no oboé.

Erros mais comuns

Apertar muito repentinamente e com demasiada força a abertura da palheta e rachá-la
No caso do Teflon, colocá-lo com demasiada tensão podendo mesmo desalinhar a palheta.

Depois de executados estes oito passos, é de esperar que a cana já produza sons e vibre com mais ou menos dificuldade. Se tal não acontecer poderá dever-se a estas razões:

- A faca não está afiada e portanto não temos removido cana suficiente durante o processo.
- Cana muito dura, normalmente neste tipo de cana é preciso raspar sempre mais, é também mais difícil produzir boas palhetas.

Em seguida devemos deixar a palheta repousar um ou dois dias para que ela se adapte à sua nova forma. Fazer uma palheta e pô-la a funcionar no mesmo dia pode ser um erro, não quer dizer que não seja possível, é, mas o mais provável é no dia seguinte ela estar diferente. A cana é um material que não é completamente rígido e portanto tem alguma memória de forma, ou seja, tem tendência a voltar a uma determinada posição/forma, principalmente quando seca. Quando a deixamos repousar a palheta no dia seguinte normalmente estará um pouco mais forte do que no dia anterior, ao tentar fazer com a que a palheta fique a funcionar perfeitamente no próprio dia sem pelo menos ter isso em conta, o mais provável é acabarmos com uma palheta diferente daquela que fizemos no dia anterior.

RASPAGEM 2ª PARTE

A secção seguinte visa, explicar de forma o mais clara possível quais os problemas mais comuns, as suas causas e sobretudo as suas resoluções, de maneira a conseguirmos uma palheta a funcionar da maneira que queremos.

ABORDAGEM

Antes de avançarmos mais no processo é muito importante termos noção da abordagem e das prioridades a ter.

Método

Uma das qualidades mais importantes que um oboísta pode ter na raspagem de uma palheta é **método**. Sem método muitas das vezes estaremos a raspar em determinada zona da palheta sem saber bem porquê, esperando ter sorte. Se queremos melhores resultados e sobretudo consistência quando fazemos palhetas temos que primeiro **saber o que queremos da palheta e principalmente as prioridades a ter, porque raspar uma palheta é um jogo de equilíbrios delicados**.

A performance de uma palheta pode ser avaliada tendo em conta quatro fatores principais:

- Resposta
- Estabilidade
- Resistência
- Timbre

Resposta

Ao avaliar a qualidade de uma palheta devemos ter a resposta como primeira prioridade. Devemos ser capazes de a tocar tanto no registo *piano* como no *forte* sem um esforço

enorme, também devemos ser capazes de atacar as notas sem a língua sem que o som surja demasiado tarde ou demasiado cedo.

Estabilidade

Em seguida queremos que a seja palheta equilibrada, nem demasiado alta nem demasiado baixa na afinação, que aguente bem com todo o ar que enviarmos sem destabilizar a nota, principalmente no registo agudo.

Resistência

A palheta não tem que ser um obstáculo ao tocar oboé, devemos sempre procurar tocar com palhetas com que nos sintamos confortáveis, que não exijam um esforço demasiado grande. Todos temos um equilíbrio diferente, uns preferem mais resistência outros nem tanto, a palheta é que tem que se adaptar a nós e não o contrário.

Timbre

Destes quatro fatores o menos importante é o timbre (não serve de nada uma sonoridade agradável se a palheta não é estável ou não responde devidamente aos ataques, por exemplo). Mas por experiência própria e também pelo que observo nos meus alunos há uma tendência enorme nos primeiros anos que começamos a raspar para nos concentrarmos demasiado no timbre acabando por tocar com palhetas demasiado difíceis. Claro que não queremos uma palheta que soe mal, mas a raspagem de uma palheta é um jogo de equilíbrios delicados e não queremos que um fator se sobrepunha demasiado ao outro.

Depois de diagnosticados os principais problemas é importante saber quais as causas desses problemas (ponta demasiado grossa, raspámos demais no coração, etc.) temos que saber o que é que afeta quê, se não, como mencionei atrás, estaremos a raspar à sorte

esperando o melhor. Esse conhecimento não se adquire de um dia para o outro, mesmo com a ajuda do professor na aula por vezes é demasiada informação ao mesmo tempo e damos connosco sozinhos com uma palheta sem saber muito bem o que fazer para a melhorar.

A secção seguinte visa dar essa informação quando não nos lembramos, ou não temos a certeza do que fazer. Mas tenham sempre uma coisa em mente, nem todas as palhetas que raspámos vão dar boas palhetas por muito bem que as raspemos (infelizmente), porque também depende muito da qualidade da cana. O segredo é não desesperar, se acham que estão a raspar bem e que portanto o problema não é vosso, experimentem outra marca de cana ou outro lote diferente.

PROBLEMAS/CAUSAS/SOLUÇÕES

Nota 1: Façam pequenos ajustes de cada vez e experimentem a palheta depois de os fazer, é sempre melhor ter raspado a menos do que ter raspado a mais...

Nota 2: As medidas de micrómetro mencionadas estarão assinaladas com um asterisco ()*

PROBLEMA A

A palheta apesar de ter uma abertura aceitável apresenta muita resistência à passagem do ar e quando a vibramos a vibração é muito reduzida.

CAUSA PROVÁVEL

- 1) A palheta ainda não foi raspada o suficiente no geral, tem muita cana atrás e a descida entre a zona do coração e a ponta poderá também estar muito acentuada.

SOLUÇÃO

- 1) Começar por raspar de cada um dos flancos (sem tocar na coluna nem na zona do coração) uniformemente diminuindo também um pouco a acentuação da descida entre esta secção e a ponta.

Se mesmo assim ainda continuar com os mesmo sintomas, raspar muito levemente a coluna incluindo o coração. Verificar também se a ponta não está pequena demais ou se ainda tem muita cana.

PROBLEMA B

Os ataques são difíceis assim como o stacatto

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Ponta ainda com demasiada cana
- 2) Distância entre coração e o meio da ponta demasiado pequena

SOLUÇÕES

- 1) Raspar com muito cuidado toda a zona da ponta sobretudo as zonas laterais, fazer pequenos ajustes e testar para não correremos o risco de ir longe demais, deixar sempre o meio (0.10-0.12mm*) com um pouco mais de cana do que as laterais.
- 2) Poderá significar que a ponta está muito curta portanto devemos aumentar a zona da ponta, especialmente o meio, tendo o cuidado de não raspar demasiado e de não fazer uma descida demasiado acentuada entre coração e ponta.

PROBLEMA C

A palheta está “leve” demais, o som é muito direto ou “nasal”, vibra demasiado facilmente ou descontroladamente.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Raspámos demasiado no geral
- 2) Cana demasiado leve

SOLUÇÃO

- 1) Cortar a ponta (o mínimo possível) e portanto torná-la mais curta. Isto vai dar mais resistência á palheta, se ainda não for suficiente podemos tornar a descida entre a zona do coração e a ponta mais abrupta, isto também vai adicionar mais resistência e sobretudo mais firmeza à cana. Se ao cortar a ponta a palheta já ficou com uma resistência aceitável mas um pouco presa temos que aumentar o comprimento total da raspagem (ficou mais curto por termos cortado um pouco da ponta) e raspar um pouco a ponta sem aumentar o tamanho da mesma. Lembro que devemos testar a palheta depois de cada pequeno ajuste.

Se mesmo assim continuar com os mesmos problemas é porque ou fomos longe demais na raspagem de todas as zonas (especialmente coração e coluna), ou a qualidade da cana não é aceitável e tanto numa como noutra situação o melhor é começar a raspar outra palheta.

- 2) Poderá acontecer que a cana que estamos a usar seja demasiado branda para o nosso gosto e a nossa maneira de soprar, nesse caso devemos experimentar cana com um grau de dureza maior (acima de force 2) e/ou mais espessa acima de 57/58.

PROBLEMA D

A palheta está equilibrada mas um pouco forte no geral.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Provavelmente ainda estará a vibrar pouco.
- 2) Raspagem demasiado curta

SOLUÇÕES

- 1) Imaginar um V desenhado a partir do início da raspagem e raspar muito levemente dos dois lados, isto vai dar mais vibração à cana, testar depois de cada ajuste para não correremos o risco de ir longe de mais.
- 2) Se a vibração estiver aceitável podemos aumentar o comprimento da raspagem cerca de 1mm (o comprimento total da raspagem idealmente será entre 10-12mm), tendo em atenção que isso poderá desequilibrar a afinação.



Fig. 29

PROBLEMA E

O registo agudo está demasiado baixo na afinação e/ou difícil de controlar.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Ponta demasiado grande.
- 2) A palheta está muito aberta.
- 3) Comprimento total da raspagem demasiado grande.
- 4) Forma demasiado larga na ponta.

SOLUÇÕES

- 1) Cortar um pouco da ponta (o mínimo possível) e tornar a descida entre coração e ponta (sobretudo nas zonas laterais) mais abrupta.
- 2) Verificar soluções no problema J.
- 3) Cortar um pouco da ponta e reajustar o que for necessário.
- 4) Cortar pequenos bocados nas zonas laterais da ponta (fig. 30) tendo em conta que o efeito será mínimo mas também irá afetar todos os registos.



Fig. 30

PROBLEMA F

Afinação baixa ou muito baixa no geral.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Palheta muito aberta
- 2) Comprimento da palheta
- 3) Forma usada muito larga

SOLUÇÕES

- 1) Experimentar solução proposta no problema J.
- 2) Quanto mais comprida a palheta mais baixa será afinação, idealmente o comprimento total da palheta depois de raspada deverá estar entre 7.0 e 7.2cm, portanto se o problema não é da abertura podemos experimentar cortar 1mm da ponta, tendo em conta que vamos ter que a refazer e reequilibrar toda a palheta. Outro fator que influencia a afinação é o comprimento da pá, evitar usar uma pá com mais de 2.5cm de comprimento. Podemos também usar tudéis mais curtos.
- 3) Quanto mais larga a forma mais baixa será a afinação, se o problema for recorrente experimentar usar uma forma mais estreita.

PROBLEMA G

Afinação alta ou muito alta no geral.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Palheta muito fechada
- 2) Comprimento da palheta
- 3) Forma usada demasiado estreita

SOLUÇÕES

- 1) Experimentar solução proposta na solução 1 do problema K.
- 2) O contrário do tudo que é referido na solução 2) do Problema F aplica-se, o comprimento da pá é que não deve ser mais de 2.5cm nem menos de 2.3cm.
- 3) Experimentar a solução 4 proposta no Problema E, se o problema for recorrente experimentar usar uma forma um pouco mais larga.

PROBLEMA H

A palheta responde mal nos ataques das notas graves.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Palheta ainda com pouca vibração.
- 2) Ponta demasiado curta ou grossa.
- 3) Cantos demasiado estreitos.
- 4) Palheta muito fechada.

SOLUÇÕES

- 1) Consultar Problema A e Problema D.
- 2) Como a ponta provavelmente já estará praticamente transparente será difícil saber se ainda tem muita cana, testem com o oboé os ataques e articulações noutros registos, se sentirem a palheta um pouco presa é provável que a ponta esteja ainda um pouco grossa.

Uma ponta demasiado curta pode dificultar os ataques no registo grave, principalmente se a palheta tiver muita cana atrás. Se preferirmos manter a ponta curta, por várias razões (afinação das notas agudas, cana demasiado “leve”, etc.), podemos experimentar retirar mais cana atrás nos flancos no início da raspagem

- 3) Lados demasiados estreitos em todo o comprimento da raspagem normalmente levam a que a palheta tenha pouca resistência. Como se exemplifica na fig.31 o desvanecimento até á ponta deve ser gradual.
- 4) Consultar solução 1 do Problema K.



Fig. 31

PROBLEMA I

Sentimos a palheta “presa”, não aguenta com a embocadura ou seja temos que a tocar com a boca demasiado aberta, normalmente salta uma oitava se estivermos no registo grave, a afinação também tem tendência a ser alta e/ou predominam os sons mais agudos quando a vibramos.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Flancos ainda com muita cana.
- 2) Cana dura.
- 3) Descida entre a zona do coração e a ponta demasiado acentuada.
- 4) Abertura da palheta.

SOLUÇÕES

- 1) Ver Solução 1 do Problema D.

- 2) Com cana mais dura as vibrações tendem a ser mais agrestes e descontroladas predominando os sons mais agudos, uma maneira de resolver isso é aumentar o comprimento total da raspagem (muito pouco de cada vez) e também podemos retirar um pouco mais de cana nos flancos.
- 3) Uma descida muito abrupta vai cortar as vibrações para o resto da palheta (por isso os sons mais agudos) isto vai adicionar resistência e tirar elasticidade à palheta, experimentem pouco a pouco tornar essa descida mais suave.
- 4) Uma palheta fechada pode induzir-nos em erro, experimentem primeiro abri-la com os dedos e testem-na, se melhorar em alguns dos aspetos referidos é porque precisa de um arame para aumentar a abertura (ver problema K solução 2).

PROBLEMA J

A palheta está com uma abertura demasiado grande.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) O diâmetro da cana e/ou a forma é demasiado larga na ponta.
- 2) Cana demasiado dura.
- 3) Humidade no ar muito elevada.

SOLUÇÕES

- 1) Se o problema é recorrente experimentar comprar cana com um diâmetro entre 10.50 a 11mm e/ou com uma forma mais estreita na ponta.
- 2) Com canas mais duras normalmente é mais difícil fazer com que a abertura se mantenha da forma que queremos apenas fechando-a com os dedos. A solução pode passar por colocar um arame cerca de 4mm acima do fio (figs.32 a 37), depois de o colocar exercer uma pressão ligeira com os dedos na ponta e no arame para fechar. Mas atenção, esta solução (tanto para abrir como fechar a palheta) vai fazer com que a palheta fique mais resistente e sobretudo perca vibração.
- 3) O excesso de humidade no ar pode levar a que a cana inche fazendo com que a abertura aumente, podemos colocar um arame para controlar a abertura como proposto na solução 2) deste problema, embora se essa situação for casual o ideal será tocar com outra palheta cuja tendência normalmente seja fechar-se.

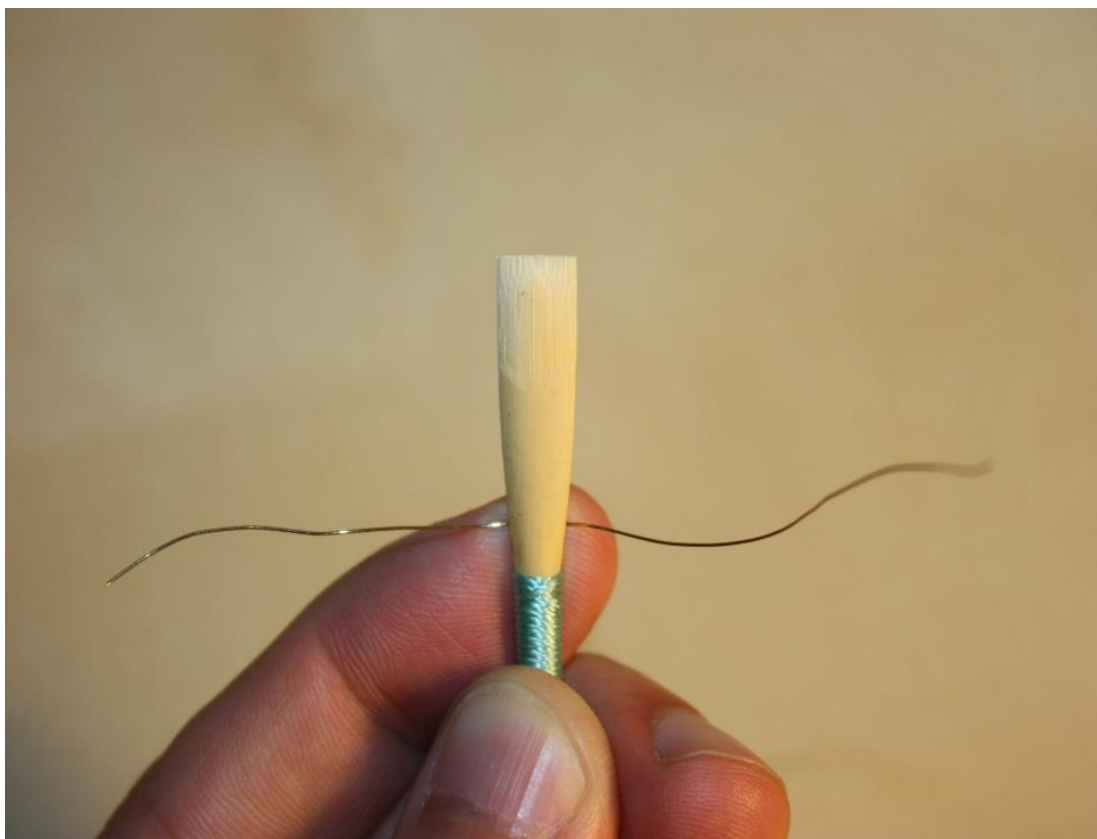


Fig. 32

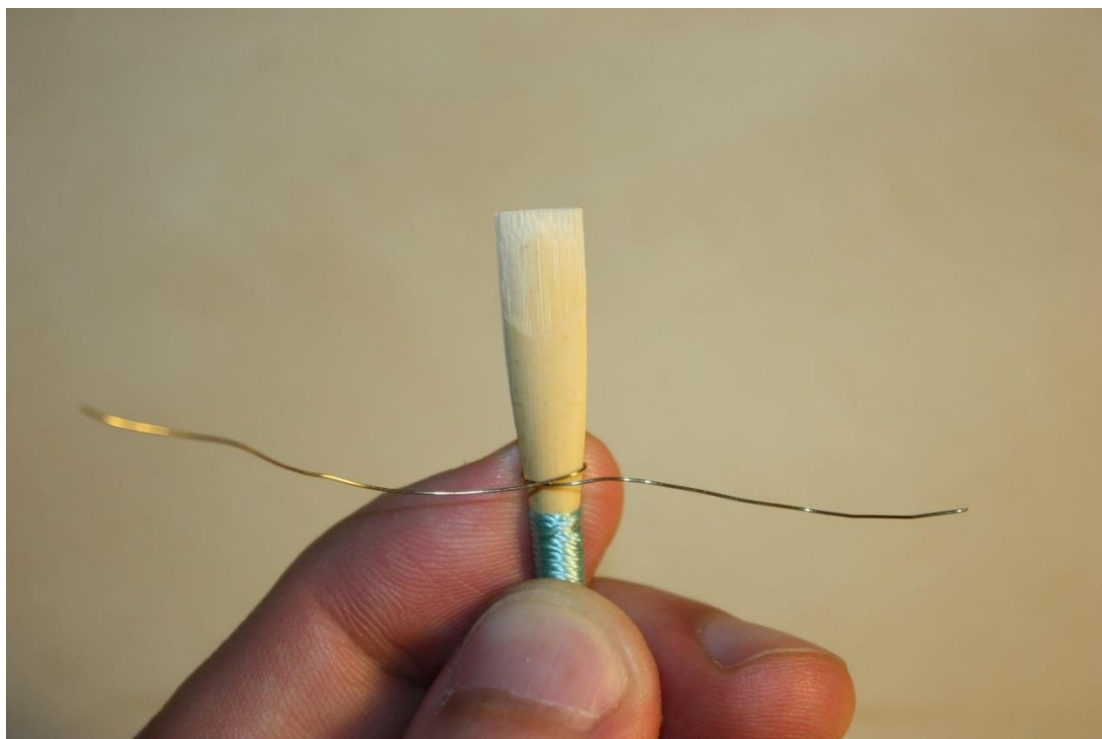


Fig. 33 (rodar a palheta e mover arame da esquerda para a direita e vice-versa)

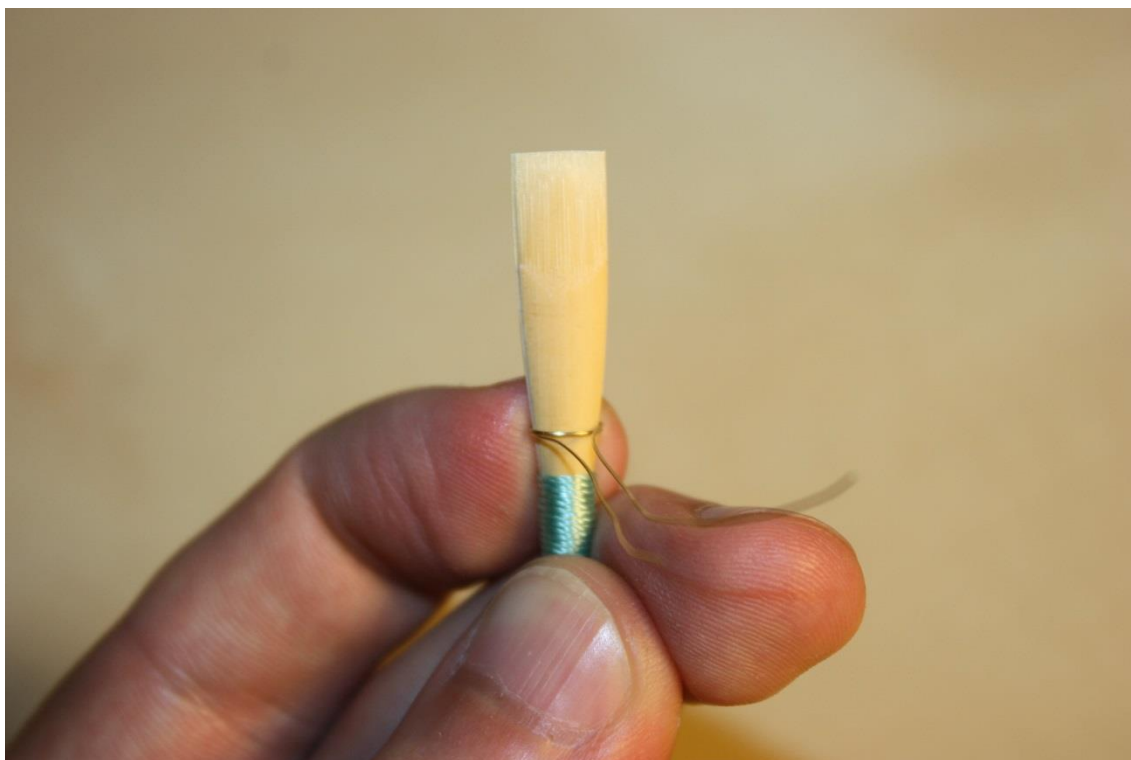


Fig.34 (rodar a palheta novamente e juntar as duas pontas do arame)

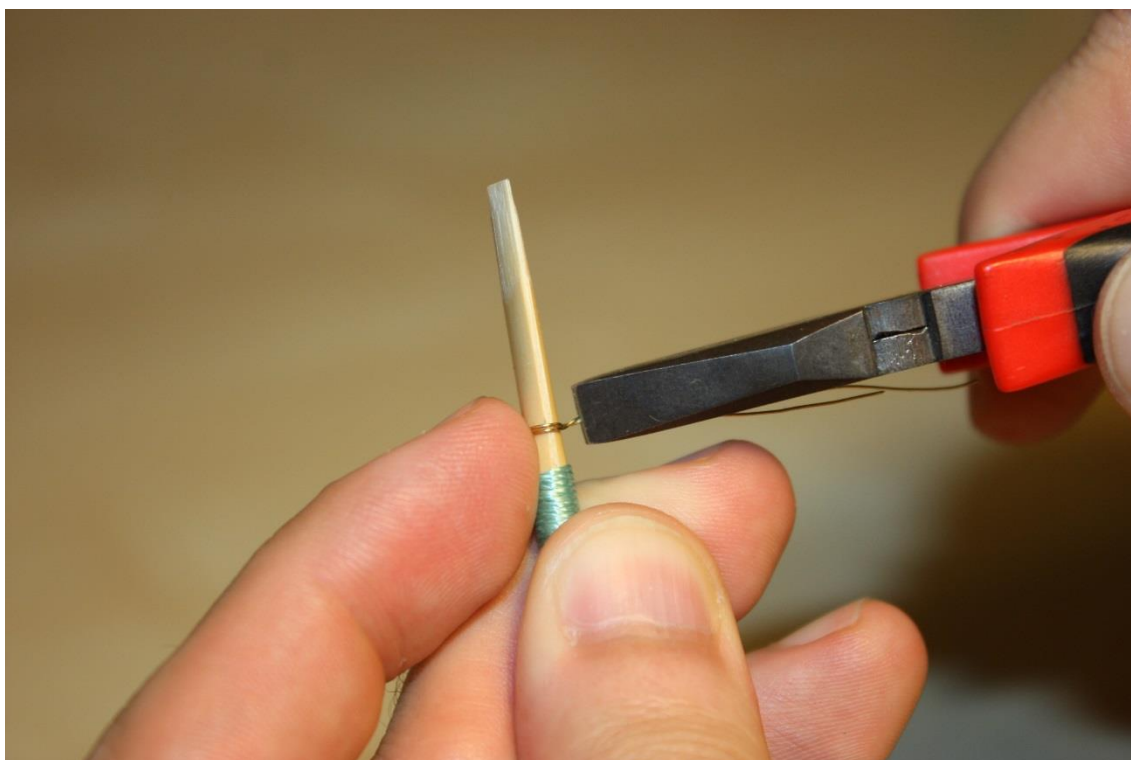


Fig. 35 (com um alicate apertar o arame)



Fig. 36 (cortar o arame em excesso)

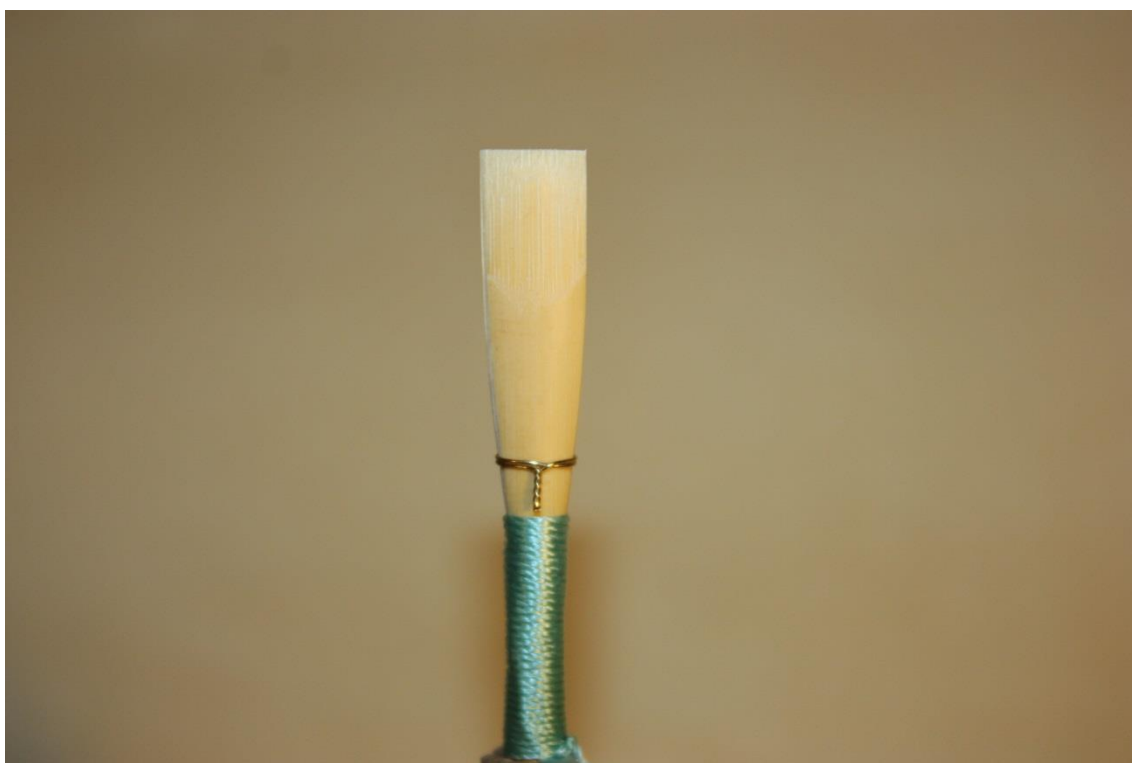


Fig. 37 (com a ajuda dos dedos empurrar para baixo a ponta do arame)

PROBLEMA K

A abertura da palheta é pequena e/ou tem tendência a fechar-se.

CAUSAS PROVÁVEIS

- 1) Cana com pouca espessura e/ou com um grau de dureza baixo.
- 2) Idade e uso da cana.
- 3) Humidade no ar muito reduzida.
- 4) Diâmetro da cana.
- 5) Fio de amarrar ultrapassou o comprimento do tudel.

SOLUÇÕES

- 1) Colocar um arame (figs.32 a 37), depois de o colocar exercer alguma pressão lateral com os dedos no arame de forma a abrir mais a palheta. Se for frequente podemos experimentar canas com mais espessura (acima de 57/58) e/ou, se o fornecedor tiver essa opção, com um grau de dureza mais elevado (acima de força 2).
- 2) A tendência da abertura da palheta ao longo do seu uso será fechar-se gradualmente, uma palheta já com muito não irá conseguir manter a sua abertura constante durante muito tempo e também não irá conseguir resistir muito bem a condições mais adversas (humidade, temperatura). Podemos prolongar a “vida” dessa palheta colocando um arame para a abrir um pouco (ver Solução 2) do problema J.
- 3) Humidade no ar muito reduzida vai fazer com que a palheta feche, podemos colocar um arame (ver Solução 2) do problema J, embora se a situação for casual o ideal será experimentar tocar com uma palheta cuja tendência seja abrir-se.
- 4) Se o problema for frequente em último caso experimentar com canas com um diâmetro abaixo de 10,50mm.
- 5) O fio de amarrar nunca deve ultrapassar o comprimento do tudel, não só porque pode influenciar a abertura da cana, como também reduzir a sua vibração. A solução poderá passar por desmontar a palheta e voltar a amarrá-la, mas isto só deve ser feito em último caso, dado que temos vindo a raspar a palheta sem ter esse erro em conta e já poderemos ter ido longe demais em algumas zonas

Anexo II – Questionário a professores de oboé



A importância do ensino da raspagem de palhetas de oboé

Nome: Aldo Salvetti

Idade:53

Profissão: Músico

Questionário

I. Raspagem ao nível individual

1- Com que idade começou a aprender a raspar uma palheta?

Com 20 anos de idade

2- Quais foram as maiores dificuldades que sentiu quando iniciou essa aprendizagem?

Dosear a justa pressão da lâmina da faca sobre a cana

3- Numa escala de 0 (muito fácil) a 10 (muito difícil), como classificaria o grau de dificuldade que envolve a raspagem de uma palheta?

8

4- Qual é a sua opinião acerca das palhetas que podemos comprar já raspadas?

Mesmo nos melhores dos casos que conheço (as palhetas do Roseau Chantant) não consigo tocar profissionalmente com palhetas outras que as minhas. Cada oboísta e cada oboé tem exigências específicas.

5- Acha que é vital para um oboísta saber fazer as suas próprias palhetas? Porquê?

Sim acho: a grande vantagem e desafio de tocar o oboé é de ter a oportunidade de fabricar mesmo o próprio som, como nenhum outro instrumento pode fazer neste nível de perfeição.

II. Ao nível do ensino

6- A partir de que idade ou nível começa a iniciar os seus alunos na raspagem de uma palheta?

Depende do aluno: se manifestar interesse, atitude, logo que possível, em princípio desde o 7º ano de escolaridade; se o aluno tiver outros problemas para resolver, então não vou complicar-lhe a vida!

7- Quanto tempo acha que demora um aluno a ficar independente nessa matéria?

Pelo menos 2 ou 3 anos, depende da sua assiduidade em praticar.

8- Quais são as maiores dificuldades que eles sentem?

Mesmo as que senti eu, ou seja a sensibilidade da lâmina da faca sobre a cana, e a capacidade de raspar até o ponto certo.

9- Costuma usar algum tipo de material de suporte quando ensina a raspagem aos seus alunos (livros, vídeos, etc.), ou é apenas oralmente?

Não, é basicamente solicitar a observação do aluno e ele praticar a minha frente.

10- Ao nível das academias e conservatórios de música, acha que o tempo de aulas que dispõe é o suficiente para guiar o aluno nessa aprendizagem?

Acho que não se deve perder muito tempo para a palheta, mas sim educar o aluno a encarar o instrumento como um todo que inclui também a palheta.

11- Ainda ao nível das academias e conservatórios, acha que é importante um aluno que complete o 8º grau (12º ano) seja independente ou esteja a caminho de o ser nesta área, mesmo que não siga a carreira profissional?

Sim, é importante.

12- Acha que a existência de um manual simples em português - que guiasse o aluno quando não tem o professor por perto, o aconselhasse, prevenisse e o ajudasse na resolução de eventuais problemas que surgem numa palheta, ou até ensinasse o aluno todo o processo de raspagem desde o início – ajudaria o aluno a alcançar a independência neste domínio mais rápido e em menos tempo?

Eventualmente, se for um bom manual!!

Nome: Ana Madalena Martinho da Silva

Idade: 33

Profissão: Professora oboé / oboísta

Questionário

I. Raspagem nível individual

1- Com que idade começou a aprender a raspar uma palheta?

Com aproximadamente 14 anos.

2- Quais foram as maiores dificuldades que sentiu quando iniciou essa aprendizagem?

Mau material (faca) dificultando uniformidade na raspagem.

3- Numa escala de 0 (muito fácil) a 10 (muito difícil), como classificaria o grau de dificuldade que envolve a raspagem de uma palheta?

Confesso que desde cedo foi uma atividade que sempre gostei e que demonstrei ter alguma aptidão, mas considero que seja difícil. 7

4- Qual é a sua opinião acerca das palhetas que podemos comprar já raspadas?

Cada vez mais a qualidade é maior e o preço menor. Enquanto estudante era impensável comprar uma palheta, porque não estavam acessíveis como hoje, eram muito mais caras e a qualidade reduzida.

5- Acha que é vital para um oboísta saber fazer as suas próprias palhetas? Porquê?

Cada vez menos penso ser vital, mas considero que seja muito importante, sobretudo se pretender de algum modo manter e prolongar a vida como oboísta ou professor.

II. Ao nível do ensino

6- A partir de que idade ou nível começa a iniciar os seus alunos na raspagem de uma palheta?

Depende um pouco de cada aluno, nomeadamente o interesse que demonstram na aprendizagem do mesmo e a maturidade de cada um. Mas independentemente destes fatores considero que um aluno de complementar deve começar pelo menos com a amarragem, a raspagem vem depois desta estar bem consolidada.

7- Quanto tempo acha que demora um aluno a ficar independente nessa matéria?

É muito relativo, mas serão sempre alguns anos.

8- Quais são as maiores dificuldades que eles sentem?

Domínio da faca.

9- Costuma usar algum tipo de material de suporte quando ensina a raspagem aos seus alunos (livros, vídeos, etc.), ou é apenas oralmente?

Sempre que o faço gosto que eles observem, vou explicando passo a passo e depois quando começam, faço por vezes o desenho da raspagem, na própria cana ou

simplesmente raspo um lado (uma das pás) e eles imitam como que em espelho o outro.

10- Ao nível das academias e conservatórios de música, acha que o tempo de aulas que dispõe é o suficiente para guiar o aluno nessa aprendizagem?

Não. Por norma uso as interrupções letivas para o efeito. É um modo de os juntar e não ocupar o normal funcionamento das aulas em tempo letivo.

11- Ainda ao nível das academias e conservatórios, acha que é importante um aluno que complete o 8º grau (12º ano) seja independente ou esteja a caminho de o ser nesta área, mesmo que não siga a carreira profissional?

Sim.

12- Acha que a existência de um manual simples em português - que guiasse o aluno quando não tem o professor por perto, o aconselhasse, prevenisse e o ajudasse na resolução de eventuais problemas que surgem numa palheta, ou até ensinasse o aluno todo o processo de raspagem desde o início – ajudaria o aluno a alcançar a independência neste domínio mais rápido e em menos tempo?

Penso que mais importante que isso, a prática e a observação são fatores mais importantes.

Nome: Andreia Pereira

Idade: 28 anos

Profissão: Professora de oboé/Freelancer

Questionário

I. Raspagem nível individual

1- Com que idade começou a aprender a raspar uma palheta?

Só comecei a raspar uma palheta quando tinha 16/17 anos.

2- Quais foram as maiores dificuldades que sentiu quando iniciou essa aprendizagem?

As maiores dificuldades foram não ter nenhum material didático (método ou livro) que explicasse de que maneira é que deveria raspar uma palheta ou quais os passos é que deveria fazer á conclusão da palheta.

3- Numa escala de 0 (muito fácil) a 10 (muito difícil), como classificaria o grau de dificuldade que envolve a raspagem de uma palheta?

10!!! Precisamos de ter muita sorte com a cana que trabalhamos e depois da maneira como raspamos... nunca sabemos o que irá sair dali...a maioria das vezes em 10 canas aproveitamos 3/4...

4- Qual é a sua opinião acerca das palhetas que podemos comprar já raspadas?

Depende do fornecedor...já comprei palhetas muito boas, já comprei palhetas muito más...depende!

5- Acha que é vital para um oboísta saber fazer as suas próprias palhetas?

Porquê?

Sim, porque só nós é que sabemos o que realmente procuramos desde sonoridade, ataque e projeção.

II. Ao nível do ensino

6- A partir de que idade ou nível começa a iniciar os seus alunos na raspagem de uma palheta?

Amarrar palhetas começam por volta do 3º/4º grau...raspagem só a partir do 5º/6º grau.

7- Quanto tempo acha que demora um aluno a ficar independente nessa matéria?

Demora algum tempo...porque habituam-se a que os professores estejam sempre por perto para lhes raspar uma palheta. Só quando se apercebem que têm que se desenrascar sozinhos é que lá raspam uma palheta ou outra. Talvez uns 2 anos.

8- Quais são as maiores dificuldades que eles sentem?

Não sabem de que maneira é que hão-de começar a raspar uma palheta...por mais que os professores expliquem e desenhem no caderno, irá ser sempre complicado perceberem.

9- Costuma usar algum tipo de material de suporte quando ensina a raspagem aos seus alunos (livros, vídeos, etc.), ou é apenas oralmente?

Eu explico oralmente porque foi assim que me ensinaram...desenho no caderno quais os sítios a raspar e indico as medidas mais ou menos certas para que consigam ter “sorte” com a palheta.

10- Ao nível das academias e conservatórios de música, acha que o tempo de aulas que dispõe é o suficiente para guiar o aluno nessa aprendizagem?

Não!!! Infelizmente o tempo de aula é muito pouco...nem sempre dá para vermos escalas, estudos e peças quanto mais para ensinar um aluno a raspar uma palheta...isso levaria mais do que uma aula.

11- Ainda ao nível das academias e conservatórios, acha que é importante um aluno que complete o 8º grau (12º ano) seja independente ou esteja a caminho de o ser nesta área, mesmo que não siga a carreira profissional?

Sim, convém serem independentes porque mesmo que não sigam uma carreira profissional, dá sempre jeito saber...poderão continuar a tocar como amadores numa banda ou ensemble e se souberem, não terão problemas.

12- Acha que a existência de um manual simples em português - que guiasse o aluno quando não tem o professor por perto, o aconselhasse, prevenisse e o ajudasse na resolução de eventuais problemas que surgem numa palheta, ou até ensinasse o aluno todo o processo de raspagem desde o início – ajudaria o aluno a alcançar a independência neste domínio mais rápido e em menos tempo?

Sim, sem dúvida! Até para mim...às vezes até eu tenho certas dúvidas. Seria excelente e uma mais-valia para o ensino do oboé em Portugal e no estrangeiro!

Nome: Sandra Sofia Luís Nogueira Monteiro Pinto

Idade: 36 Anos

Profissão: Professora

Questionário

I. Raspagem nível individual

1- Com que idade começou a aprender a raspar uma palheta?

17 Anos

2- Quais foram as maiores dificuldades que sentiu quando iniciou essa aprendizagem?

O facto de eu ser canhota, e o meu professor não...tive de aprender tudo por espelho, o que foi muito complicado...

3- Numa escala de 0 (muito fácil) a 10 (muito difícil), como classificaria o grau de dificuldade que envolve a raspagem de uma palheta?

10 – para mim também é extremamente complicado colocar os alunos a ser autónomos com as palhetas...

4- Qual é a sua opinião acerca das palhetas que podemos comprar já raspadas?

Já experimentei uma ou duas vezes, e não me correu bem...têm sempre de sofrer alterações, e a própria raspagem muitas das vezes não se adequa a mim...

**5- Acha que é vital para um oboísta saber fazer as suas próprias palhetas?
Porquê?**

Sim, porque como referi anteriormente sabendo ajustar à nossa realidade, tudo se torna mais fácil...não devemos ficar refém do material, devemos conseguir ajustá-lo às nossas necessidades...

II. Ao nível do ensino

6- A partir de que idade ou nível começa a iniciar os seus alunos na raspagem de uma palheta?

A raspagem só início do Curso Secundário, por volta dos 16 anos, porque considero a raspagem um processo muito complexo e que requer já alguma maturidade para o conseguir fazer...também tenho tido a dificuldade de os alunos conseguirem financeiramente adquirir o material necessário a este processo...

7- Quanto tempo acha que demora um aluno a ficar independente nessa matéria?

Muito tempo... tudo depende do seu tempo dispensado para isto...quanto mais treinar, mais rapidamente se tornará autónomo...quanto menos treinar, mais difícil será construir a sua independência...

8- Quais são as maiores dificuldades que eles sentem?

Uma das maiores dificuldades é o facto de não terem paciência para errar e tentar de novo...desistem com muita facilidade...e depois a precisão da raspagem...principalmente com a ponta da palheta...que é o mais difícil...

9- Costuma usar algum tipo de material de suporte quando ensina a raspagem aos seus alunos (livros, vídeos, etc.), ou é apenas oralmente?

Já usei algum material de vídeo...no entanto, na atualidade não tenho tempo para isso...o tempo de aula não permite...tem mesmo de ser por imitação...eu faço e eles tentam fazer comigo...

10- Ao nível das academias e conservatórios de música, acha que o tempo de aulas que dispõe é o suficiente para guiar o aluno nessa aprendizagem?

Não, de todo...aliás um dos problemas, porque eles não conseguem ganhar mais rapidamente autonomia, prende-se com o facto de não haver tempo na aula para insistir nisto regularmente...neste momento eu trabalho nisto fora das aulas...dispenso do meu tempo gratuito para o fazer...

11- Ainda ao nível das academias e conservatórios, acha que é importante um aluno que complete o 8º grau (12º ano) seja independente ou esteja a caminho de o ser nesta área, mesmo que não siga a carreira profissional?

Este seria o caminho ideal...já serem independentes...mas será que existem muitos alunos que consigam esta proeza?... deixo a questão no ar...

12- Acha que a existência de um manual simples em português - que guiasse o aluno quando não tem o professor por perto, o aconselhasse, prevenisse e o ajudasse na resolução de eventuais problemas que surgem numa palheta, ou até ensinasse o aluno todo o processo de raspagem desde o início – ajudaria o aluno a alcançar a independência neste domínio mais rápido e em menos tempo?

Sim, eu penso que seria uma excelente ajuda...contudo reforço a importância da persistência e boa vontade...sem isso, eles não conseguem insistir, errar e voltar de novo...na minha opinião, só com a experiência, se consegue adquirir as competências necessárias para obter bons resultados nesta matéria...mas claro que sim, um manual é sempre bem-vindo...

Nome: Luís Filipe Carneiro Gomes Alves

Idade: 29

Profissão: Professor

Questionário

I. Raspagem nível individual

1- Com que idade começou a aprender a raspar uma palheta?

15.

2- Quais foram as maiores dificuldades que sentiu quando iniciou essa aprendizagem?

A raspagem da ponta.

3- Numa escala de 0 (muito fácil) a 10 (muito difícil), como classificaria o grau de dificuldade que envolve a raspagem de uma palheta?

8.

4- Qual é a sua opinião acerca das palhetas que podemos comprar já raspadas?

A melhor. São uma grande valia para as exigências dos tempos modernos.

5- Acha que é vital para um oboísta saber fazer as suas próprias palhetas? Porquê?

Sim, mesmo do ponto de vista do oboísta amador. Por uma questão de autonomia e singularidade: cada palheta é uma palheta diferente, cada pessoa é uma pessoa diferente

II. Raspagem ao nível do ensino

6- A partir de que idade ou nível começa a iniciar os seus alunos na raspagem de uma palheta?

Não começo, ainda. Vou dando pequenas indicações quanto ao arranjo das palhetas e enfatizo a necessidade do domínio da raspagem, de forma completamente autónoma. Penso fazê-lo a partir do 5º/6º grau.

7- Quanto tempo acha que demora um aluno a ficar independente nessa matéria?

3 anos.

8- Quais são as maiores dificuldades que eles sentem?

O manuseamento das ferramentas e a destreza fina.

9- Costuma usar algum tipo de material de suporte quando ensina a raspagem aos seus alunos (livros, vídeos, etc.), ou é apenas oralmente?

Penso, no futuro, usar material de suporte.

10- Ao nível das academias e conservatórios de música, acha que o tempo de aulas que dispõe é o suficiente para guiar o aluno nessa aprendizagem?

É, claramente, insuficiente.

11- Ainda ao nível das academias e conservatórios, acha que é importante um aluno que complete o 8º grau (12º ano) seja independente ou esteja a caminho de o ser nesta área, mesmo que não siga a carreira profissional?

Acho essencial que saiba atar “uma” palheta e fazer o arranjo da mesma, mesmo que não siga uma carreira profissional. Acho importante que esteja no caminho da autonomia.

12- Acha que a existência de um manual simples em português - que guiasse o aluno quando não tem o professor por perto, o aconselhasse, prevenisse e o ajudasse na resolução de eventuais problemas que surgem numa palheta, ou até ensinasse o aluno todo o processo de raspagem desde o início – ajudaria o aluno a alcançar a independência neste domínio mais rápido e em menos tempo?

Acho.

Anexo III – Questionário a alunos de oboé

**Questionário aos alunos participantes no Projeto Educativo****1. Idade**

2. Sexo

.Masculino

.Feminino

3. Grau que frequenta na Academia de Música de Paços de Brandão

. Iniciação ____ .

.4º grau ____

.8º grau ____

. 1º grau ____

.5º grau ____

. 2º grau ____

.6º grau ____

. 3º grau ____

.7º grau ____

4. Acesso ao manual de raspagem

Tinha acesso _____

Não tinha acesso _____

I. Raspagem**5. Numa escala de 1 (sem importância) a 5 (muito importante) como classificas a importância de aprenderes a raspar uma palheta? (assinala com um X a tua resposta)**

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6. Numa escala de 1 (muito fácil) a 5 (muito difícil) como classificarias o grau de dificuldade que envolve a raspagem de uma palheta? (assinala com um X a tua resposta)

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7. Quanto tempo em média por semana praticas a raspagem?

8. Até agora quais são as maiores dificuldades que sentes?

9. Numa escala de 1 (nenhuma progressão) a 5 (bastante progressão) como classificas o teu progresso na raspagem? (assinala com um **X** a tua resposta)

1	2	3	4	5
----------	----------	----------	----------	----------

10. Numa escala de 1 (muito má) a 5 (muito boa) como classificas a melhor palheta que fizeste? (assinala com um **X** a tua resposta)

1	2	3	4	5
----------	----------	----------	----------	----------

II. Raspagem – continuação (a ser preenchida apenas pelos alunos que não tinham acesso ao manual)

11. Sentiste falta de uma ferramenta de apoio (manual, método, livro) quanto praticavas a raspagem?

a. Porquê?

III. Raspagem – continuação (a ser preenchida apenas por quem tinha acesso ao manual)

12. Numa escala de 1 (não consultava) a 5 (consultava muito) como classificarias a frequência com que consultavas o manual? (assinala com um **X** a tua resposta)

1	2	3	4	5
----------	----------	----------	----------	----------

13. Qual foi a parte do manual que foi mais útil para ti?

14. Numa escala de 1 (sem importância) a 5 (muito importante) como classificas a utilidade do manual? (assinala com um **X** a tua resposta)

1	2	3	4	5
----------	----------	----------	----------	----------

Obrigado pela tua colaboração!